

AUTORES & LIVROS

1-2-1949
Ano IX

Editor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 3
Vol. X

NOTICIA SOBRE EUSEBIO DE MATOS

Eusebio de Matos nasceu no Brasil em 1628, e era filho de Pedro Gonçalves de Matos e de d. Maria da Guerra. Era irmão de Gregorio de Matos, o grande sátiro.

Eusebio estudou Humanidades no Colégio dos Jesuítas da sua Província. Ali tomou a roupa, em 14 de abril de 1644. Um dos seus companheiros de estudo foi seu irmão Gregorio, e ambos tiveram como um dos mestres o Padre Antonio Vieira. Veio ele a ser substituto desse grande mestre na cadeira de Retórica.

Orador poderoso, em breve estava Eusebio de Matos colocado na mesma linha de Vieira e Antonio de Sá, os dois mais altos representantes da tribuna sagrada naqueles tempos.

Além de orador, era poeta, músico, pintor e desenhista, e conta-se que em tudo era magistral. Vieira disse dele que Deus se apoiava em ele fazer em tudo grande e não só fôr mais por não querer...

Talvez resultado de tanta superioridade de espírito, não tardaram a medrar contra ele perfidas intrigas no seio da corporação dos Jesuítas, na qual ele tomara ordens sacras.

A principal dessas intrigas dava-o como pai de vários filhos, informação que o Licenciado Marcelo Perreira Rabelo, no estudo sobre Gregorio de Matos, que hoje acompanha a edição das *Coras Completas* desse poeta, (Vol. I.º — "Sacra") não parece querer negar. Verdadeira ou mentirosa, a notícia se espalhou e, como consequência dela, Eusebio de Matos se viu forçado a deixar a Companhia de Jesus. Tomou, então, o hábito dos Carmelitas, com o nome de Frei Eusebio da Scolastica. Conta-se que o Padre Vieira, certo dia foi informado de que ele havia deixado a Companhia de Jesus. Perguntou qual o motivo que o induzira a tal ato. E quando lho contaram, mediu:

O Padre Eusebio de Matos é de tanto merecimento, que ainda a ser certo o que lhe querem impor os seus inimigos o devia a Companhia sustentar com ilhos e tudo, só por não perder tão grande homem.

Faleceu Eusebio de Matos na Baia, em 1 de julho de 1692.

Na sua vida, que se estende por mais de 60 anos, não há lances dramáticos, nem sequer intensos, a não ser o episódio do rompimento com a Companhia de Jesus. No mais, tudo lhe parece ter corrido calmo e tranquilo: é a imagem tradicional do mar de rosas. Nasceu na Baia e morreu na Baia, sem jamais de lá ter saído. Passou a vida num convento, e nesse convento viu-a encer-

rar-se. Como estamos longe da existência tumultuosa e ardente do seu mestre e seu modelo Antonio Vieira, aquela que se fez conselheiro de reis, que tratou como embaixador com potências estrangeiras, que enfrentou os sangrentos senhores do tribunal do Santo Ofício! Como estamos longe até do seu rival em eloquência, do seu rival em cultura a Vieira, esse bom Antonio de Sá, que com tanta piedade soube exprimir os seus tristes pensamentos milhistas no "Sermão das Cinzas"!

Eusebio de Matos é, como os demais oradores e escritores sacerdos, do seu tempo, um apaixonado das galas e das louanças do estilo, um cultivador de sutilezas e de evocadores. Eis um trecho de uma das mais belas práticas do seu "Ecce Homo":

"Pois se a vida do homem é trazer os cuidados no Céu, se a vida do bruto é trazer os cuidados na terra, como vivemos nós como brutos, sendo homens? Tantos cuidados para a terra, e nenhum cuidado do Céu! Oh! Como no dia de juiz se hão de examinar os nossos cuidados! Oh! como aquele homem nos hâ de culpar de brutos! Aquelles espinhos se arranjarão contra nós, aquela Capa denunciaria guerra; aquelas cordas serão flagelo; aquela cana será vara; aquelas chagas clamarião vingança; aquela sangue justiça. Que fazendo-me eu homem vos dirá aquelle Senhor, que fazendo-me eu homem para que tu te salvasses, te não salvaste tu! Porque não viveste como homem? Quais foram todos os meus cuidados, senão a tua salvação? Por ti padeci as afrontas desta Coroa, desta Purpura, desta Corda, desta Cetro e destas Chagas. Por ti padeci mil açoites à Coluna, dos quais duzentos e sessenta e seis chegaram a descobrir meus ossos. Na cabeca padeci setenta e duas feridas. No rosto, cento e vinte botadas. Cento e nove pancadas em todo o corpo. Derrei em terra dezoito mil e cento e vinte e cinco goles de sangue. Fui posposto a Barabás, fui sentenciado à morte, fui morto, fui sepultado. Quid est quod debet ultrafracta vinea mea, et non feci. Que mais devia eu fazer de minha parte? E tu de tua parte, que fizeste? Viveste como bruto, e não como homem todos os cuidados para o mundo e nada para a tua salvação". (Ecce Homo, ed. da Estante Clássica, p. 68)

Escriveu:

1 — Ecce Homo — Práticas pregadas no Colégio da Bahia nas sextas-feiras à noite, mostrando-se em todas o Ecce Homo. — 79

ECCE HOMO. PRACTICAS PREGADAS

NO COLLEGIO DA BAHIA AS festas feitas à noite, mostrando-se em todos o Ecce Homo: pelo Padre Eusebio de Mattos, Religioso da Companhia de Jesus, Mestre de Prima na sagrada Teologia.

Offercidas
AO SENHOR

BENTO DE BEIA DE NORONHA, Inquisidor Apostólico do Sancio Ofício da Inquisição de Lisboa, & Conego Prebendado na Sé desta Cidade, &c



LISBOA.

Na Oficina de JOAM DA COSTA.

M. D. C. LXXVII

Comidas as hampar necessárias.

Página de título da 1.ª edição do ECCE HOMO, de Eusebio de Matos (1677)

SUMARIO

- PAGINA 25: — Notícia sobre Eusebio de Matos.
- PAGINA 26: — Prática Primeira do "Ecce Homo" de Eusebio de Matos.
- PAGINA 27: — Poesia de Eusebio de Matos: — Parodando uma poesia de Gregorio de Matos.
- PAGINA 28: — Poesias litúrgicas entre Eusebio de Matos e seu irmão Gregorio de Matos.
- PAGINA 29: — História do Jornalismo no Brasil: Henrique Chaves.
- PAGINAS 30 E 31: — A Vida dos Livros.
- PAGINA 32: — Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. — Segunda série — Antologia da Prosa — XXVII — Leo Vaz.
- PAGINA 33: — "O Corpo" de Poe — VIII — Tradução de Gondim da Fonseca.
- PAGINA 34: — Odílio Kelly.
- PAGINA 35: — Bernardino de Sousa.
- PAGINA 36: — Cronologia da Escravidão.
- PAGINA 37: — O Museu de Arte Moderna.
- PAGINA 38: — O inventor dos discursos Acadêmicos.
- PAGINA 39: — Uma estatística acerca dos discursos Acadêmicos (da Academia Brasileira).
- PAGINA 40: — Os livros da Academia Brasileira de Letras.
- PAGINA 41: — Poemas de Deolindo Tavares:
- PAGINA 42: — Poema post-eclipse.
- PAGINA 43: — Eu te amo.
- PAGINA 44: — Liberdade.
- PAGINA 45: — O mundo do poeta.
- PAGINA 46: — Poema (Para meu amigo Mauro Mota).
- PAGINA 47: — Poema (Nasci para sempre poesia).
- PAGINA 48: — Aterro do Diabo (de "Flor de Exemplos"), de João Ribeiro.
- PAGINA 49: — A obra completa de Adelino Fontoura.

UMA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

A primeira parte de AUTORES E LIVROS constitui uma gigantesca "História da Literatura Brasileira" que, no tamanho regular de livro, já formaria dois volumes de quinhentas páginas. Os números já publicados constituíram os dezessete capítulos iniciais da referida obra, a saber:

- Seculo XVI:
I. Pero Vaz de Caminha
II. Pero Lopes de Souza
III. Padre Manoel da Nóbrega
IV. Padre José de Anchieta
V. Gabriel Soares de Souza

UM CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO

Como um dos números das comemorações do centenário de Rui Barbosa, a Academia Brasileira de Letras pensa em promover, em outubro do corrente, a realização de um Congresso de Escritores Luso-Brasileiros. Para esse fim, serão convidados alguns ilustres vultos da cultura lusitana, contando-se entre esses o sr. Juliano, presidente da Academia das Ciências de Lisboa.

Na mesma ocasião, o Instituto da Língua Brasileira — que, como se sabe, existe no Distrito Federal e tem vidas ativas no Brasil todo — pretende também realizar um Congresso de seus associados. Terá esse o título de Congresso da Língua Brasileira.

Prática 1.º - DOS ESPINHOS - Eusebio de Matos

Se quizesse Deus, Catholico auditorio, fe quizesse Deus, que entre as escuridades destas noites, amanhecessem luces a nos defensores! Mas que luces se podem esperar da Pregação, fendo para a empreza tam desluzido o Pregador! Nam deixo de conhecer esta verdade, & com tudo eu me animo a tam dificultosa empreza, porque me animo grandemente o estar presente a nosso olhos, aquelle Aluo de nossas corposcoações: Animame a presença daquella chagada figura do nosso amante Iesus, porque sugirirão suas visitas, onde me faltarem as razões: & os que se nam mourem pelo que lhes propuserem aos ouvidos, nam deixarão de lastimar o Pregador que lhes representam aos olhos. Temos o exemplo entre mãos: Quiz Pilatos mouer à lastima, & à piedade o povo de Hierusalém, & levando ao Senhor a huma váranda sobre húa praça de gente innumerauel, mostrou aquelle pouco endurecido, aquelle Senhor chagado, & rompeu nas palavras que citei por Thema: *Ecce Homo*. Pois Presidente Romano, todo effe he o appurato de vostra eloquencia? A tão limitado período? So a duas palavras reduziu a importancia de vostra oração? Naw vedes a rebeldia destes animos, que pretendes mouer? Pois como com tão poucas palavras os intentais persuadir? Pois para que erais as palavras aonde estauam as visitas. Trouxe Pilatos a publico hum homem Deus, coroado a cabeça com carbunclo diadema de penetrantes espinhos, pendente aos homens húa iniuriosa purpura, lançada afrontosamente húa corda no peçoço, nas mãos atadas cruelmente hum fípido de cana, o corpo todo à força de duros golpes, banhado em diuios de sangue: que triste! Que fentido! Que lastimoso expectaculo! Pois a visita de expectaculo tão lastimoso, para que era necessario maior eloquencia? De que feriuas as figuras da Reitoria, onde estaua tão lastimosa figura? A que podiais mouer, as palavras, que melhor não moeuffem aquellas feridas? Que podiais intimar as vozes, que melhor não perfuadiam aquellas chagas? Onde falaua aquellas chagas não eram necróticas outras vozes, por iffo Pilatos como teu que representavas aos olhos, curvo membro de perfuadias nos ouvidos, poriffo a matéria tida de sua oração, reduzio fo a duas palavras: *Ecce Homo*.

Durisimão, que com tudo o pouco fe naõ mante: Respondo, que fe naõ mouo o povo, nem fe abrindou, porque pedindo a Pilatos que lhes tirasse o Senhor de sua visita: *Toile, Toile*, condeffendendo Pilatos com as vozes do povo, & por ventura que fe lhe não tirasse o Senhor dos olhos, fe lhe moeuffem os corposcoões; mas dada caga que aquelle auditorio fe naõ mouesse, eu prego a my diverso auditorio, eu prego a hum auditorio tam Christo, tão docil, & tão piedoso, que desconfiando de mim mesmo, do fuceffo naõ desconfio, porque creyo que a visita daquelle Senhor tam maltratado, não hauera entre nos quem fe naõ enternecesse, ainda quando em todo o mundo nam ouviu que quem nolo preffasse: fendo isto affim certo, que importa que o Pregador falte a sufficiencia, fe no auditorio fôr a piedade; & que importa que naõ de eternuras que suíu, quando das chagas que ver, quando fe naõ mouer o corações pelos estíos, mouerfaha pelos olhos, porque donde faltarem as palavras fentidas, tu privâas as visitas lastimosas, & acabará com vóco à visita daquellas chagas, o que vos naõ perfundis a evidencia de milhas razões; especialmente porque de vos Iesus, & Senhor meu, de vos espero que des tal efficacia a minhas palavras, que obrem como fe naõ

fornão minhas; inspiray Senhor tão altamente em meus discursos, que na mudanca de feus procedimentos conheçam todos, que fe falei eu, obreftes vós, & nos corações dos que me ouvem, tão diñamente infirme, que confeffem todos as sem razões de suas vidas, na força de milhas razões. Obre Senhor vostra graca onde faltam minhas eloquencias, que entre estas escuridades melhor fabriçarão vostra luces, oh fintafo o golpe de vófo soberano impulso nos tristes ecos de nossa combata dureza: fintafo vófo poder em nosso defengano, vostra graca em nossas resoluções, na mudanca de nossas vidas a força de vostra misericordia, & vejafo claramente, que fendo humana a diligencia, foi superior a execução.

Poem eu naõ fei verdadeiramente, naõ foi a que haja de mouerem com a presença daquella Imagem de Christo: pucararem mouerem à temor, ou à esperança? A temor do castigo, ou esperança do perdão: para huma & outra coufa acho razões naquella mesma figura: acho aly razões para esperar o perdão, porque aquella ha a Imagem de Christo em quanto homem: *Ecce Homo*: E Christo em quanto homem ha noffo fiaador, & adiogado, dife o S. Paulo: *Qui propositus Deus punitorem in fanguine ipsius*: Acho aly tambem razões para temer o castigo, porque aquella ha a Imagem de Christo em quanto homem: *Ecce Homo*: E Christo em quanto homem ha o fical de nossas culpas, & o fuzil de nossas acções: dife o mesmo Christo: *Tunc videbunt filium hominis venientem cum potestate, & magnificencia*. Temos logo naquella Imagem representado a Christo como Iuliz, & como fiaador, amante como fiaador, rigoroso como Iuliz, como Iuliz para temido, como fiaador para fuscado; qual ha de fêr agora a nossa empreza? Fuscado como amante, ou temido como rigoroso? Huma, & outra coufa hauemos de fazer, bafculo, & temelo; bafculo porque como amante nos afigura o perdão; temelo, porque como fiaador nos amanca o castigo. Esta vem a fer o affimulo que feguiam estas noites, em cada huma coufa difcorrerem sobre huma das infiugias daquella sagrada Imagem do *Ecce Homo*: E em cada qual veremos que fe mostra Christo muito amante, & muito rigoroso, porque deffia forte em cada qual speremos o perdão, & tememos o castigo, ou para melhor dizer, para que deffia forte falgamos curar o castigo, felicitando o perdão.

E começardo pela Coroa de espinhos digo. Primeiramente que nos deuemos animar a pedir o perdão de nossas culpas aquelle Senhor, em quanto coroado de espinhos, porque estia affim mal amorefo, em quanto affim coroado acho eu que as pontas daquelle coroa feruam indecindivelmente a Christo de fetas para o coraçam, que de espinhos para a cabeça, porque no mesmo paço que como instrumentos da crudelidade, lhe estiam ferindo a cabeça, como fetas de amor lhe estiam atrauafando o coraçam; naquelle inclinacão que fez Christo na Cruz sobre o peito, mostrou ao mundo a coroa de espinhos que tinha na cabeça, mas mostrou tambem com a cabeça os affectos que tinha no coraçam: para defcorrer os affectos foi mello mostrar os espinhos, & nam podia o mundo ver o espinhos, sem que juntamente vifse os affectos: como feu amor lhe hauia tecido aquello coroa, fez das pontas da coroa indies de feu amor, por iffo com a cabeça apontava para o peito; & fez da cabeça coroada de espinhos, mostrar dos affectos, que hauia no coraçam. Oh meu Iesus da minha alma! Oh meu amantissimo

Iesus, que lastimado, que ferido, que atermorizado que estais! Mas ah Senhor, & como estais enternecido! Como estais para bafeado! So os espinhos poderais impedireis o caminho de faturaros; mas fols vós tam amorefo, que querio ter martyrizada a cabeça, a treco de não termos nos moleftados os pés, por iffo os espinhos que puderam fer efforco a nostros pés, pondes vós sobre vostra encosta: oh que amante que fous meu Deus! Oh como declararam temos as pontas deffia coroa os pontos de vófo amor! E que bem se declaro o fuso de vófios affectos no agudo deffes espinhos! Ben ha verdade, que para lauar nossas culpas, ou para abrandar nossa dureza, brotão de vófo diuina cabeça, & correu de vófo diuino rosto fetento, & dos rios de sangue; mas que importa que corra os rios, se nam podem apagar os incendios, que importa que corram os rios, se effes rayos que

sobre fy o castigo; notauel forca de amor! Qui come Christo sobre fy o castigo, para que nos configuamos o perdão! Lison Abramah da espada para degolar a seu filho Iac, & no traçar do golpe, vio a hum Cordeiro a cabeça cingida de espinhos: *Inter repes harenem cornibus*: tomou logo o Cordeiro, fex das delle o sacrificio, & Iac que estia definido à morte, ficou gozando da vida. Graue concurso de mysterios! Iac definido à morte, represento ao genero humano: Abramah ameacando o golpe, represefia no Eterno Padre refoluto a dar o castigo, o Cordeiro represento a Christo, & para que Iac nam finta o golpe, o Cordeiro fe expoem no sacrificio, para que nos nam padecemos o castigo. Christo ha o que fente o golpe, mas com estia aduertencia, que o Cordeiro estia coroado de espinhos: *Inter repes harenem*; Christo coroado de espinhos: Christo coroado à morte, o que toma sobre fy a morte.

brotaõ daquelles espinhos: en quanto temos occiaõ de nos apropriar de aquelle fangue apropriemo-nos & apropriemo-nos agora, porque agora ha a occiaõ.

Digo que agora ha a occiaõ, porque agora temos aquelle Senhor como aduogado, que quando o vimos como Iuliz: oh Deus Eterno! Aquelles mestros espinhos que fersum agora de nos atrair, ha de ferir ento de nos atermor, & le por nos estiam sanguis armados, entao os vermos armados contra nos: porque entao nos ha Deus de tomar myy estrela contra daquelles espinhos. Sem os espinhos daquelle coroa huma represefiam das infiugias de Deus, & bem o mostrou assim Christo nos Cantares, quando tendo a cabeça cheia de orvalho, bateu as portas daquelle alma que dormia: *Aperi mihi Sator mea, quia caput meum plenum est rose*: Notam, A alma dormindo ha huma alma Christiaõ defundida de sua falsoçam, Christo com a cabeça cheia de orvalho, he Christo coroado de espinhos, & com a cabeça roclada de sangue; os golpes que Christo dava as portas daquelle alma fum as diuinias infiugias, com que Deus nos bate as portas, & para que entendeffes, que os golpes com que Deus bate as portas de huma alma, fia effets daquelles espinhos por iffo vinha Christo coroado de espinhos, quando batau as portas daquelle alma; aquelles golpes que fentimos no coraçam, aquelles remoros da alma, aquelles estinulos da conciencia, que vosparece que fam, fe nam effets daquelles espinhos, que no mesmo paço que a Christo lhe estiam paffando, & atraueffando a cabeça, a nos nos estiam pungindo os corposcoões; por iffo digo, que nos ha Christo de tomar myy estrela contra das diuinias infiugias.

Considera se a Christo coroado de espinhos hum Sol cuido de rayos, feruindo-lhe os rayos os espinhos; poror o que alguma fam rayos para nos iluminar, algum dia ha de fer rayos para nos confundir: porque tanto fe hum de armas no depois em nofia ruina, quanto confraria agora em nofia Ultimacão; em quanto aquelle Senhor ha myo adiogado, todas as diuinias infiugias tam em nofio fuso, mas quando aquelle Senhor fer nofio Iuliz, estas meticas nos ha de ferir de maior castigo. Diffe Christo, que o Espírito Santo bautiz de argulir o mundo no dia de Iuliz: *Cum reverentur iniquum mundum de peccato*: pola valhama Deus, naõ ha o Espírito Santo o que mais favorece o mundo? Naõ ha elle o que os da as diuinias infiugias? Pois como ha de fer elle o que fe ha de por contra o mundo? Pois iffo mefino: porque o Espírito Santo dão o mundo as diuinias infiugias, por iffo ha de armas contra o mundo, os que tiverem obrado, feundo as diuinias infiugias diuinias, pouco tarão que recuar, mas aquelles que refitirão sempre as diuinias infiugias, aquelles que nunca obedecerão aos auxilios diuinios, o quanto teram que temer, & quanto teram que recuar!

Pois tende entendido que toutes osas no ponto de maior importancia, que se pôde trazer aos pupilos, porque aquela topo todo o negocio de nofia faluaciam, ah naõ ha faluaciam sem auxilios diuinios: mas tambem refitindo nos aos auxilios diuinios, naõ ha faluaciam: fe dmuados Deus feus auxilios diuinios, vos cooperantes, & obedientes, licu os auxilios efficaces, & falsoçus; mas fe vosse falsofites, & nad cooperantes, ficasõ os auxilios sufficiencias, & perdefitios. O Espírito Santo, que nos infira os

PRACTICA I.

Dos Espinhos.

Ecce Homo. Ioann.19.

E quizesse Deus, Catholico auditorio, se quizesse Deus, que entre as escuridades destas noites, amanhecessem luces a nos defensores! Mas que luces se podem esperar da Pregação, fendo para a empreza tam desluzido o Pregador! Nam deixo de conhecer esta verdade, & com tudo eu me animo a tam dificultosa empreza, porque me animo grandemente o estar presente a nosso olhos, aquelle Aluo de nossos corposcoões: Animame a presença daquella chagada figura do nosso amante Iesus, porque sugirirão suas visitas, onde me faltarem as razões: & os que se nam mouerem, nam deixarão de lastimar o Pregador que lhes representam aos olhos. Temos o exemplo entre mãos: Quiz Pilatos mouer à lastima, & à piedade o povo de Hierusalém, & levando ao Senhor a huma váranda sobre húa praça de gente innumerauel, mostrou aquelle pouco endurecido, aquelle Senhor chagado, & rompeu nas palavras que citei por Thema: *Ecce Homo*. Pois Presidente Romano, todo effe he o appurato de vostra eloquencia? A tão limitado período? So a duas palavras reduziu a importancia de vostra oração? Naw vedes a rebeldia destes animos, que pretendes mouer? Pois como com tão poucas palavras os intentais persuadir? Pois para que erais as palavras aonde estauam as visitas. Trouxe Pilatos a publico hum homem Deus, coroado a cabeça com carbunclo diadema de penetrantes espinhos, pendente aos homens húa iniuriosa purpura, lançada afrontosamente húa corda no peçoço, nas mãos atadas cruelmente hum fípido de cana, o corpo todo à força de duros golpes, banhado em diuios de sangue: que triste! Que fentido! Que lastimoso expectaculo! Pois a visita de expectaculo tão lastimoso, para que era necessario maior eloquencia? De que feriuas as figuras da Reitoria, onde estaua tão lastimosa figura? A que podiais mouer, as palavras, que melhor não moeuffem aquellas feridas? Que podiais intimar as vozes, que melhor não perfuadiam aquellas chagas? Onde falaua aquellas chagas não eram necróticas outras vozes, por iffo Pilatos como teu que representavas aos olhos, curvo membro de perfuadias nos ouvidos, poriffo a matéria tida de sua oração, reduzio fo a duas palavras: *Ecce Homo*.

Principio pagina do *ECCE HOMO*, de Eusebio de Matos

sobre-faem a cabeça, publicam que ha incendios de amor, que ateão no coraçam. Lá aparece Deus a Moyes, & aparece-lhe cercado de espinhos, & inauditas: *Vade, & ridebo si non invenis me*: vamos ver este misterio: & que convenientia, que propoream tem o fogo com os espinhos? Em Deus tem muita convenientia: os espinhos eram a materia de sua-corda, o fogo eram os incendios de feu amor, & em Deus andam myy acompanhados incendios de amor, & coros de espinhos: o mesmo he em Deus coroar de espinhos, que abraçar de incendios, o mesmo he padecer na cabeça os espinhos de sua coroa, & que vimos nos coroados de rofas! E o que mais ha, que cometendo as offensas, nam folcilemos o perdão? Pois fiai nam diuides fer perdoados, porque estais aquelle Senhor myo amante

Verdadeiramente, que quando vejo a Christo tam coroado de espinhos, em me pergunto, que aquella coroa, ou vem a fer a laueria com que em teles de humor se gradua Christo, ou vem a fer o Diadema, com que celebra Christo, o triunpho de seu amor; & que estando aquelle Senhor tam amorefo, tenhamos nos amio para o offendir! E que tenhamos coraçam para o agravar! Que effe Christo coroado de espinhos, & que vimos nos coroados de rofas! E o que mais ha, que cometendo as offensas, nam folcilemos o perdão? Pois fiai nam diuides fer perdoados, porque estais aquelle Senhor myo amante, tenhamos nos amio para o offendir! E que estando aquelle Senhor tam amorefo, tenhamos nos amio para o offendir! E que estando aquelle Senhor tam amorefo, tenhamos nos amio para o offendir! E que estando aquelle Senhor tam amorefo, tenhamos nos amio para o offendir!

para que nos logremos a vida, temos sobre fy o castigo, para que nos configuamos o perdão! mas ardentemente fiai, mas ardente fiai! Ha nisso estremido amor. Verdadeiramente, que quando vejo a Christo tam coroado de espinhos, em me pergunto, que aquella coroa, ou vem a fer a laueria com que em teles de humor se gradua Christo, ou vem a fer o Diadema, com que celebra Christo, o triunpho de seu amor; & que estando aquelle Senhor tam amorefo, tenhamos nos amio para o offendir! E que estando aquelle Senhor tam amorefo, tenhamos nos amio para o offendir! E que estando aquelle Senhor tam amorefo, tenhamos nos amio para o offendir! E que estando aquelle Senhor tam amorefo, tenhamos nos amio para o offendir!

(Continua na pág. 29)

Poesia de Eusebio de Matos

Porodiando com palavras forçadas outras das estâncias de seu irmão Gregório de Matos, no retrato de certo D. Brites, formosa dama da Bahia, por quem o último esteve apaixonado.

Quem vos mostar mudada a bizarria,
Da cara, que lus dava à bela Aurora,
Credo nenhuma afronta vos faria,
Se a morte contemplasse em vós, Senhora;
Porque, sem lus verás naquele dia
A cara que brilhar vêdes agora,
Que então haverá de ter, só por estrada,
Ver em cinza desfeita a cara bela.

Horror então será esse tesouro,
Que hoje naufraga em ondas de cabelo,
Trocando, com mortífero desdouro,
Só em fealdade quanto tem de belo;
E se por áureo, vence agora ao ouro,
Então a terra hâ de convence-lo
Que quem na vida vive celebrado,
Perde na morte as prendas de adorado.

Esse olhos, que hoje olham tão sem tento,
Então não hão de ser o que hoje só;
Por quanto, se hoje só da luz portento,
Das trevas hão de ser admiração:
Se por tão claros, hoje tão contento,
No hão de dar então consolação;
Porque verão o fim a seu desejo,
Terminar nas cavernas que eu cá reio.

A boca, que por aí tão pequenina,
Conquista a cér do cravo, e a do rubi;
Trocará quanto tem de peregrina
Pela mais triste boca que eu já vi;
Eu atendi chamar-lhe alguém dímina;
Mas confesso, Senhora, que o não cri;
Porque entendo, que havia a vossa boca,
Pela de uma cavaíra fazer troca.

Esse aljofar, que agora se desafia
Para brilhar melhor nesse rosal,
Não mostrará de nácar viva prata
Quando vir consumido o seu coral;
Orientas, que por golpes de escrivela,
Mostram o rutilante do cristal;
E então, no descorado do marfim,
Dentes só se hão de ver, mas não carmim.

O peito, que hoje é frago do amor cego,
Não será frago então, nem será peito;
Porque, por dár à Parca seu sossêgo,
Perderá quanto tinha de perfeito:
Se em algum tempo foi de fogo empregado,
Então verá em si tão rijo efeito,
Que julgará impróprio a tudo o mais,
Que não chegará a ver prodígios tais.

A causa que algum tempo foi amor,
Aquel motivará tal ódio, e tanto:
Que não verá o mundo outro maior
Na fabulosa lus do seu encanto;
Por quanto, que o causa tanto ardor,
Da mesma fealdade será exposto;
Sem ver em si figura, nem sinal,
Dentro botões, que tinha de cristal.

Das mudas hei de dizer, pois me aventure,
Que se sua beleza agora morta,
Seu horror matará então seguro,
Quando timido agora desbarata:
Que se agora só prata, e cristal puro,
Então não hão de ser cristal, nem prata;
Pois esses hão de ser, que vão formando
Gadanhos, que vão mortos sepultando.

Por os olhos na cinta não me atrevo,
Porque a vejo de carne tão suculenta,
Que já me não suspenso, nem me elevo
Da beleza que via nessa cinta:
De eu a ver, na garganta a morte levo;
Porque, por fôia a vejo tão distinta,
Que não se atende desse formosura,
Mais que um oso, que serve de cintura.

Do pé lá a falar: max fate, fate,
Que não tem nada o pé de peregrino:
Oh loucura de Amor! Oh desbarata!
Aqui, minha Senhora, desfinto:
Quem consumiu o pé; quem lhe deu mate!
Mas ali que a terra o viu tão pequenino,
Que por não ver em si sua pépida,
O picante do pé, tornou em nado.

Poesias Litigiosas

Entre os dois irmãos

GREGORIO e EUSEBIO DE MATOS

Aos tormentos de Cristo

Sedenta estava a crueldade humana
De agravos, é tormentos
Contra a Excelsa Divina Majestade,
Doce emprego de amor, suma bondade;
Que conhecendo a sua-raia tirana,
E os bárbaros intentos, entre vícios,
Com que deixando tantes benefícios,

Prodígios e favores:
Os homens lhe pagavam com rigores:
De um fino amor e paciência armado,
Se entregue a padecer com tal cuidado;
Que o tormento que instantes lhe faltava,
Maior tormento a seus desejos dava.

O ódio os inculcava à cega gente:
Pois a um Deus, sumo bem Onipotente,
Rei dos céus e da terra,
A paz dos anjos, e do inferno guerra;
A cuja voz os orbes se estremecem,
E a Água e ar, terra e fogo lhe obedecem:
Chegam a aclamar rei de zombaria;
E com tal osadia,
Que usurpava-lhe o culto merecido,
Ao verdadeiro tratam por fingido:
Que até um Deus, que a réu se hâ sujeitado,
Como, fingindo rei se viu tratado;
Que cause quem se humilha, em baixos peitos
Destruição de cultos e respeitos.

De espinhos a coroa lhe teceram;
E se outra mais cruel tecer puderam,
Fazer-lha de si próprios, não se ignora
Que cada coração espinho forá,
Setenta e duas fontes caudalosas
Da sagrada cabeça desatadas,
Do púrpura banhadas
Deixaram frescas rosas,
Não em boião formosas:
E vendo o puro sangue verdadeiro
De Cristo, inocentíssimo cordeiro,
Cada qual torna a Deus o fabuloso,
Fazendo esperdigar o prelúdio;
Pois o divino sangue parecia,
Quando ao rosto descia,
Entre mágoas e penas
Chuveiros de rubras sôrtes assucenas.

Mas quem viu, doce agrado dos meus olhos,
Jamais a flor ferida dos abrolhos?
Porém, como entre romanas mãos se viram,
Da condição de homens se vestiram;
Porque da flor, jamais a formosura
Dos homens entre as mãos viveu segura.

Deixai, Senhor, que sinta o meu cuidado,
Ao verdadeiro amor vê-lo vendado;
Pois o que a um Deus mentido
Faz a gentilidade; hoje atrevido
Fazê-lo a vós, que sóis Deus de verdade!
Oh vã gentilidade!
Se bem, Senhor, com tanta diferença,
Que só sólito se vê; vós, meu Bem, prezo:
Ela venerações, e vós desprêzo.
Mas sendo vós, Senhor, lince divino,

Foi cego desatino;
E este injusto rigor sofrer não posso.
Mas permiti-lo, foi mistério voso;
Porque as finas vendo entre os amargos,
Tapais os olhos por não ver estragos,
E se acaso esses olhos soberanos
Tapais, só por não ver olhos humanos:
Da minha alma tiraí a torpe vinda,
Porque vendo quem sóis, não vos ofenda.

Aos açoites de Jesus Cristo

Oh cega tirania,
Armada de fúvor e de oussadia,
Que (inocente cordeiro) vos condensa
Do mundo à mais vil pena!
Mas, se por livrar-me dos maiores,
Vos sujeitais dos homens aos rigores;
Com razão devo crer, pelo que vejo,
Satisfaz seu rigor vosso desejo:

Pois, como a vil escravo,

A finas trocando pelo agravo,

E vos querem matar, porque não querem.

A Iangada que sofreu Jesus Cristo

Sacrilegio e arrojado,
Sem vista, e cego de ódio um cruel soldado,
Com lança penetrante,
Rompe atrevido o peito mais amante:
Mas, por lavar ofensas rigorosas,
Fonte de brancas e encarnadas rosas
A ofensa procurou tão apressada
Que pelos olhos dentro d'alma entroua,
Aquela que não cria na que não via,
Creu no que via, e via o que não cria;

E com o poder divino,

Lhe deu seu destino o melhor tino:

Pois vendo o lado aberto a seu respeito,

Em lágrimas desfeito.

O coração de dor quis Deus se armasse,

Porque à ponta de lâncas o céu ganhasse.

Ao Ecce Homo

Hoje, que tão demudado,
Vos vejo, por meu amor.

Espero, enfim, meu senhor,
Me hei de ver por ganhado.
Satisfazei meu cuidado,
Já que assim vos chego a ver;
Pois só vós podeis fazer,
No mal que sentindo estou.
Que deixe de ser quem sou,
E seja como hei de ser.

Já vejo aos homens clamor
Por vossa morte, impacientes;
E dos tormentos presentes,
Inda a mais querem apelar.
Os termos se hão de trocar,
Que hoje a sé quer advertida,
Vendo em pena tão cresida,
A que é bom que se reporta,
Clamar porque vos dém morte;
Clamar a vós, me deis vida.

Pilatos compadecido
De vos ver como vos via,
Outra condição vestis
Para vos mostrar desrido
Eu também, amor querido.
Vendo excesso tão atroz,
E o estado em que vos pôs
O impio povo ruim;
Já que vos despeim por mim,
Me quero eu despir por vós.

Dispam-se contentes vãos.
Loucuras, cegas validades;
Até as mãos às maladias;
Se à bondade lhe stam mãos;
Piquem pensamento sãos;
E a soberba se desfaçam;
No peito a humildade nasça;
Morra a culpa, que me priva;
Porque não é bem que eu viva
Quando morre o autor da graça.

Este é o homem (dizia
Pilatos, que se enternece):
Mas quem a Deus desconhece,
Mal conhecer-se podia.
A minha esperança lla
De vós, que alentos lhe dâ
Uma fé, que viva está;
Que do amor no desempenho,
Conheça o mal que em mim tenha;
E veja o bem que em vós ha.

Correue-se a nuvem sagrada
Desse vosso vestidura;
E do sol a formosura
Se mostrou tâda eclipsada?
A flor, por homens pisada?
Ob que pena me causais!
Pois quando assim vos mostrais,
Conheço o mal que em mim tenha,
A tal piedade chegas.

A bárbara crueldade
Dos homens, senhor, me admira;
Pois se vestem da mentira
Para despír a verdade;
Não querem ter piedade,
Porque os cega a sem-raio;
Porém, não é muito, não.
Quando o seu rigor os prostra,
Quem com paixão se mostra,
Mal pode ter compaixão.

Hoje me guia o destino
A amar-vos; que não é bem
Techa amor grosseiro a quem
Tem em vós amor tão fino;
Pois, quando a amar-vos me inclino,
Maior culpa amada prenda,
Fora amar-vos sem emenda;
Porque vendo esse amor vosso,
Se ofender-vos ver não posso,
Como é bem que vos ofenda?

A canonização do beato Stanislaus

Na conceição o sangue esclarecido;
No nascimento a graça confirmada;
Na vida a perfeição mais regulada;
E na morte o triunfo mais lúcido;
O sangue mal na Europa competiu;
A graça nas ações sempre admirada;
A perfeição no breve consumada;
O triunfo no eterno merecido.

Tudo se vinculou ao ser profundo
De Stanislaus; que a glória do seu pôr,
Foi ser portento ao céu, prodígio no mundo.
Por isso teve a fama de tal sorte,
Que o fizeram nella vindoa, sem segundo;
Conceição, nascimento, vida e morte.

PLUTARCO

Mucho Leão

No começo de sua *Vida de Demostenes*, tem Plutarco esta frase: "Quanto a mim que, nascido numme ridadezinha, gosto de ali residir...". Estas onze palavras assim reunidas poderiam servir de síntese para a existência desse que é um dos maiores escritores que em todos os tempos tem honrado a humanidade.

A VIDA DO ESCRITOR

Plutarco nasceu em Queronéia, modesta cidade grega, localizada sobre o golfo de Lepanto, nos confins da Beocia e da Focida. Queronéia ficou celebre, nas páginas da história, por três motivos. O primeiro, o glória sem igual de ter sido o berço do maior historiador grego; o segundo, foi ter sido o campo de batalha em que, em 388 antes de Cristo, Felipe domou os atenienses e os tebanos; enfim, foi ter sido, em 86 antes de Cristo, o cenário da vitória de Sila contra Mitridates.

Sua paisagem é triste e sem beleza, refletida em escuros pantanos e estangados pelos grandes círcos próximos do Parnaso e do Citeron. Emílio Gebhardt, que visitou a região natal de Plutarco, ali encontrou apenas três ou quatro casas de cabreiros. O mais, era arreia, solidão, desolação.

E' aquela uma das regiões gregas mais ricas de tradições mitológicas trágicas e soturnas. Afastando-se duas ou três léguas de sua cidade, Plutarco chegará às margens de Copais, onde se encontra o antro de Trofonio. Poderá ouvir, ali de envoia com o vapor dos perfumes sagrados, a voz temerosa das profecias.

Alli estava, também, muito perto de Queronéia, a região sanguenta em que Oedipo matou Laio, e em que se iniciou o mais pavoroso drama grego — o drama do assassinato, do incesto, da dor, do desespero — o drama em que a crueldade dos deuses esmagando os homens, a horrível e sinistra Orestia.

Foi ali que, em data incerta (talvez nos últimos anos do reinado de Cláudio) nasceu o escritor. Pertencia a uma família das mais tradicionais da Queronéia e era bisneto de Nicáro, contemporâneo da batalha de Actium, neto de Lamprias. Era um homem jovial e gracioso, e devo dizia o deo: "Quanto a ele, bebia, tinha o espírito mais fácil e inventivo do que nunca. Podiamos compará-lo, então, com o nascimento, que o calor faz evaporar, e que exala um odor suave". Quanto a seu pai, cujo nome ele não nos diz, era, ao que podemos depreender de conceitos encontrados aqui e ali nas suas *Vidas* e nas suas demais obras, um espírito igualmente feito de ponderação e de razão.

A região em que nasceu Plutarco passava, desde séculos, por ser incapaz de produzir aqueles frutos saborosos da graça, da arte e da inteligência, apanhaços mortais da Grécia.

Nascer na Beocia, ser um beocio — eis um título humilhante já àquela tempo. Eiis um estigma que se eternizou até os nossos dias. E, entretanto, era isso uma grave injustiça, pois ali tiveram seu berço um grande poeta como Pindaro, um grande guerreiro, um chefe, um homem público de raro esplendor, como Spaminodous.

Foi, pois, ali, que nasceu Plutarco, num lar em que existiam pelo menos mais doze irmãos — Timon e Lamprias. Do primeiro, recebeu o escritor as provas constantes do amor, da admiração e do carinho. Ele agradece as deuses o dom incomparável que recebeu da vida — a amizade e a benevolência desse irmão queridíssimo.

Nada se sabe dos seus estudos, a não ser, pela multiplicidade dos assuntos de que tratou, que devem ter sido constantes, esforçados e sinceros. Quando moço, residiu em Atenas, onde estudou filosofia, onde se tornou devoto das lições de Platão. Seu espírito mobil e inquieto, porém, era desse que não se achava capaz de aderir de uma vez a uma só idéia. E, plutarco a seu modo, ele teria sido também o estético e até cético. Sabe-se que em Atenas teve como mestre o filósofo Amônio de Alexandria.

Desde moço, as qualidades severas e puras de seu espírito foram reconhecidas e mereceram admiração. Certo dia foi escolhido pelos seus contemporâneos para, em companhia de outros queroneus, ir em embajada ao pra-cônsul. O seu companheiro teve que interromper a viagem e Plutarco desincumbiu-se sozinho da comissão recebida. Ao regressar, com a missão coroada de êxito, ouviu do pai um conselho prudente; o de que devia dizer, ao se referir aos trabalhos dessa embajada, não eu fiz, porém nós fizemos — como se nelli tivesse tido sempre a cooperação do companheiro...

Maior prova de reconhecimento das suas qualidades de ponderação, de severidade e de pureza não lhe poderiam ter dado os seus compatriotas do que aquela que lhe deram ao escolhê-lo grande sacerdote de Apolo. As funções do seu cargo eram várias e diferentes. De cinco em cinco anos cabia-lhe presidir a abertura dos jogos píticos, a Pítida. Mas a sua tarefa constante era estar perto do templo do deus, zelar pela boa ordem e a conservação das coisas sagradas e a comodidade dos peregrinos.

Parce que Plutarco teve outras distinções, além da escolha para grande sacerdote. Há quem creia que Trajano lhe conferiu a dignidade consular. Há quem acredite que ele foi intendente da Grécia e da Ilíria.

A verdade é que, mesmo recebendo essas honrarias, contentou-se em exercer funções modestas e obscuras. Os estrangeiros que chegavam a Queronéia vim-no, muita vez, ocupado em medir tijolos, em tomar peso do cal e das pedras, para a construção dos edifícios. Achavam isso tarefa demasiado humilde

para um homem tão altamente colocado. "Não é por mim que eu o faço", respondia Plutarco. E' por minha pátria". E acrescentava: "Haveria talvez baixaria, num homem de Estado que por si mesmo se ocupasse com tais cuidados; mas quando ele o faz pelo bem público, não tem razão de corar, porém só de orgulhar-se, em dar atenção às coisas mínimas".

Era já escritor consagrado, entrado em anos, quando visitou Roma — o que parece ter ocorrido nos tempos de Vespasiano. Ali conheceu um grupo de homens ilustres, contando-se entre estes Sostis, Senecion, que foi quatro vezes consul, e a quem ele dedicou as *Vidas de Grandes Homens*.

Sabe-se ainda que era casado e que sua esposa, de nome Timoxene, filha de Ariston, lhe deu vários filhos.

São essas, creio, as circunstâncias mais conhecidas da vida de Plutarco. Faleceu ele em data até hoje incerta, entre 120 e 134 da nossa era.

II

AS "VIDAS DOS HOMENS ILUSTRES"

Plutarco ficou representado, na literatura universal, pelas suas *Obras Morais* e pelas *Vidas dos Homens Ilustres*.

Nas *Obras Morais* encontram-se reunidos seus numerosos tratados, versando assuntos os mais diversos, como a educação, a música, as superstições, os oráculos, a vida familiar, as curiosidades astronómicas, etc.

Seu grande título de glória literária é, porém, a galeria das *Vidas dos Homens Ilustres*.

Vindo depois de Herodoto e de Tucídides, depois de Tito Lívio, Plutarco encontrou um caminho ainda não explorado nos estudos de história: a reconstituição da história pela biografia dos grandes homens. Possuindo uma intuição profunda da psicologia de cada homem, da psicologia dos povos, olhando as figuras e os momentos em que elas floresceram com a alegria e o saber de um filósofo, logrou ele transformar suas biografias individuais em sínteses perfeitas da existência das nações. *Bíblia dos heróis*, chiamou Emerson as *Vidas dos Homens Ilustres*. E quando Carlyle chegou aquele conceito de que a história não é mais do que a biografia dos heróis — não estava acaso pensando em Plutarco?

Sabe-se que o processo de Plutarco consiste em estabelecer um certo paralelismo histórico entre a Grécia e Roma. A um grande homem que floresceu num desses países, corresponde outro grande homem assim essas biografias duplas: Teseu e Romulo; Licurgo e Numa; Solon e Valério Púlico; Temistocles e Camilo; Pericles e Fabio Máximo; Alcibiades e Ciro; Rómulo e raulo Almone; Pelepidas e Marcello; Aristides e Catão, o Censor; Plopem e Flaminino; Pílio e Mario; Lísandro e Sílio; Címon e Luculo; Nicias e Crazzo; Eumeu e Sertório; Agesilaus e Pompeu; Alexandre e Cesar; Focion e Catão de Uília; Demostenes e Cícero; Agis e Cleomene e Tíberio e Caio Graco; Demétria e Antônio; Díon e Brutus. E' uma cronologia formidável, que se inicia no diluvio de Deucalión, cerca de 1.500 antes da era cristã, e se prolonga até Oton, cerca de 70 da nossa era.

Nessas numerosas biografias, o que ressalta não é o rigor da cronologia, o encrucilho no acusar as datas. Plutarco pouco se preocupa com esses elementos puramente materiais, essa espécie de andanças da história. O que ele ama, o que ele deseja, é o flagrante psicológico, o traço ligeiro e fugitivo, que dê o recorte de uma fisionomia, o colorido de um espirito, de uma alma.

Palavra idêntica teve Suetônio. Mas como divergem os dois historiadores! Este, o romano, é malicioso, é irreverente, é, no fundo, má língua e difamador. Tem a amizade do príncipe, pode vascular os arquivos imperiais, para abrir de surpresa uma alcova e mostrar um pecado, para indigitá-lo um viciado, ou um poltrão, ou um mentiroso. Cobrirá de baldões um Cesar, mostrando-o em altitude torpe na corte do rei da Bitínia, e apanhando anedotas nas quais o grande capitão é chamado de rinha. Cobrirá de uma chufa que jamais se há de desfazer um Tíberio e um Cláudio.

Plutarco, o amigo dos heróis, andará pelos caminhos opostos. Ele procura e registra, sem dúvida, a anedota, tanto quanto Suetônio; mas nunca será a anedota lúbrica ou fescenina; será aquela que possa ajudar a compor a fisionomia de um homem quando não a de um super-homem. E' interessante considerar algumas delas.

Esta, da vida de Paulo Emílio: "Conta-se que, no dia em que o povo, por um voto unânime, resolveu dar-lhe a direção da guerra contra Perseu, Paulo Emílio encontrou, ao chegar em casa, cercado de multidão que o aclamava, sua filhinha Tertia banhada em prantos. Tomou-a ao colo e perguntou-lhe qual a razão de tantas lágrimas. Respondeu-lhe a criança: 'Como, papai? Você não sabe que Perseu morreu?' Era um chozinho que ela criava, no qual tinha dado aquele nome. 'Tanto melhor, minha filha', respondeu Paulo Emílio. Eu aceito o augúrio'".

Esta, da vida de Agesilaus: "Convidaram Agesilaus certa vez a ir ouvir um homem que imitava o canto do rouxinol. Ele recusou, disendo: 'Eu já ouvi o rouxinol'".

Esta, do mesmo Agesilaus, encerrando um traço comum a tantos outros grandes homens: "Conta-se que, quando os seus filhos eram pequenos, Agesilaus brincava com eles, correndo a cavalo sobre um caniche. Surpreendido por um amigo nessa postura, ele lhe pediu que não contasse a ninguém o que havia visto, antes de ser, por sua vez, pai".

Este diálogo de Demostenes com Focion: "Focion, disse Demostenes, se algum dia os atenienses se atraírem, te matarão. — Mas se voltarem à razão será a ti que não há de matar, Demostenes".

E' ser um infundável rolo de anedotas, de episódios, de frases de intenção filosófica ou moral, se quisesssemos repercorrer as páginas sugestivas do historiador, a mostrar aqui Alcibiades vaivôs e frívolo, cortando a cauda do seu rato para dar que falar a Atenas; ali Aristides escrevendo para uma confidência ao caríssimo o seu próprio nome numa tábua que lhe entregava um rústico, um rústico que desejava condonar-lhe pelo simples rato de o saber um justo; e Alexandre repartindo pelos seus generais o domínio do mundo e guardando para si apenas a esperança.

E as mulheres — que galeria maravilhosa elas não formam. Como o historiador se transforma em poeta para nos-las retratar! Vêde, agora, Roxana, surpreendida pelos olhos de Alexandre quando dava com outras moças em coto e desde então dona do coração do guerreiro. Vêde Volumna, a mãe austera de Coriolano, única força abençoada, capaz de dominar o coração do filho, repleto de ódios. Vêde Porcia, a filha de Catão, a esposa de Brutus, levando o sagrado amor doméstico a todos os sacrifícios. E vede, enfim, Cleopatra, a dominadora incomparável, do coração dos guerreiros, a vencedora de Cesar e de Antônio, o sorriso, a graça, a beleza flagelando a pobre alma dos homens.

III

INFLUENCIAS EM MONTAIGNE E EM SHAKESPEARE

Esse historiador, esse filósofo, esse moralista assim fecundo e rico, tem uma glória incomparável; vê-se nela, através dos séculos, o mestre dos maiores genios literários...

Não se pense, porém, que a sua glória tem passado livre dos negativistas e dos adversários. Um rude punitista, Paulo Lúcio Courier, dizia dele: "Courto, agora, um Plutarco, que se está imprimindo em Paris. E' um historiador divertido, e bem pouco conhecido daqueles que não falam a sua língua. Todo o seu mérito reside no estilo. Ele não se incomoda com os fatos e só registra aqueles que lhe convém. Todo o seu cuidado está em parecer um hábil escritor. Plutarco faria Pompeu ganhar a batalha de Farsalia, se isso pudesse arredondar um pouco a sua frase. E tinha razão. Todas essas tolices, a que damos o nome de história, só têm algum valor com os ornamentos do gosto".

Se Courier nega Plutarco, há, em compensação, uma legião de grandes autores para louvar e amar o historiador grego. Vauvenargues opina que em nenhum escritor o gênio e a virtude estão tão belamente pintados quanto no autor das *Vidas*. Sainte-Beuve diz que Plutarco sozinho teria a força de tornar viva e sensível a antiguidade. Anatole France confessou que foi envolto, numa classe gíassial, a narração do encontro de Cleopatra com Cesar, na página plutarquiana, que teve a primeira revelação de beleza...

Mas, se quisessemos aquilatar a influência imensa que Plutarco tem exercido na literatura universal, basta-nos-lhe estudar o seu reflexo em dois autores de verdadeiro gênio — em Montaigne e em Shakespeare.

Quanto a Montaigne, ele proclama que é Plutarco "o mais judicioso autor do mundo". E vai ao extremo de dizer que os seus *Ensaio*s são feitos com restos de marcas de lutarco sobre Montaigne é enorme. Em cada página dos *Ensaio*s está o autor das *Vidas*, citado uma e muitas vezes. Numerosos dos exemplos que Montaigne usa são bebitos no historiador grego. E muitas das reflexões filosóficas que ele tece são inspiradas em meditações avulsa das biografias do grego. E quem sube a aquele sistema dispersivo e inconstante, abundante e variado, dos *Ensaio*s, não o foi Montaigne buscar nas igualmente ricas e variadas *Obras Morais*, de autor querido?

Mais flagrante, talvez, do que em Montaigne, é a influência de Plutarco em Shakespeare. Há peças do grande poeta inglês que nos parecem simples transposições do historiador grego. E' claro que Shakespeare é Plutarco — o mais a paixão, e mais a poesia, e mais aquela coisa indefinível e imponível, que se chama o gênio dramático. Mas, de qualquer maneira, ele está em Plutarco — ele é Plutarco, Shakespeare é Plutarco em Timon de Atenas, em Julio Cesar, em Antônio e Cleopatra. Shakespeare é Plutarco ao nos pintar a alma de Timon, embebedo de justo ódio contra os homens, e em flagrante contraste com a alma de Apemantus, feita de uma filosofia que não passa, no fundo, de inveja e de despeito. Shakespeare é Plutarco, no seguir, traço a traço, o grande drama de amor de Antônio, inteiramente dominado pela formosa Egiptia, a ponto de entregar a Otávio os louros de uma vitória que lhe cabia, e isso somente para seguir na deliciosa fuga a serela perfida e maravilhosa. Shakespeare é Plutarco ao pintar a tragedia do fim da vida de Cesar, com a corte dos amigos traidores, o vaticínio tenso de Calpurnia, a aquela alma de bronze de Porcia, o tipo sem igual, em toda a galeria shakespeariana, da mulher forte, inteiramente devotada ao amor de um homem possuidor do sagrado ardor político.

Ser o mestre, o guia, o exemplo, para Montaigne e para Shakespeare! Ela a suprema glória de um autor! E' bem certo que Apolo soube amar o grande sacerdote do seu templo, na cidade de Queronéia.

HISTÓRIA DO JORNALISMO NO BRASIL

HENRIQUE CHAVES

O nome de Henrique Chaves viverá eternamente na gratidão dos brasileiros. Ele foi um daqueles vanguardistas aventureiros e felizes que, em 1875, resolveram invadir os grandes oceânicos da publicidade jornalística em nossa terra, e fundaram a *Gazeta de Notícias*.

Outro isso é dizer muita coisa.

Henrique Chaves não se arriscou à aventura sozinho: foi para ela em companhia de três companheiros destemidos — Manuel Carneiro, Elísio Mendes e Ferreira de Araujo.

Dos quatro, é claro, o maior, como escritor e jornalista, é Ferreira de Araujo. Foi uma vocação prodigiosa, a dele, e, enquanto viveu, e depois de morto, é o maior dos louvores, que o cercou, foi arrebatado e ardentemente. Também me parece ser por Ferreira de Araujo, mais do que por qualquer outro dos seus companheiros, que se pode explicar aquele espírito de modernidade, ou pelo menos de renovação, que a *Gazeta* representou em seus inícios.

Mas que companheiro honesto, exato, entusiasta, sincero e compreensivo teve ele em Henrique Chaves! E como foi apoiado na sua força espiritual desse amigo que pode atuar da maneira como atuou em nossa imprensa!

Henrique Chaves podia a esse título, reivindicar, no lado de Ferreira de Araujo, o belo título de reformador da imprensa carioca. Nascido em Lisboa, ele veio para o Rio já homem, e não tardou a se encontrar nas colunas do *Jornal do Comércio*. Foi também redator de jornais ilustrados ou literários, como *O Mosquito*, como *O Besouro*. Mais tarde, fundou a *Gazeta* e ali manteve, durante longos anos, a responsabilidade da coluna parlamentar. Teve ainda outra atividade: a de taquígrafo. Tendo assinado contrato para os serviços de Taquígrafia da Câmara dos Deputados, foi durante longos lustros o verdadeiro revisor de todas as orações que ali se produziam.

Num interessante depoimento que, há dias, dava sobre o seu pai o sr. Raul Chaves mostrava o formidável trabalhador

que havia em Henrique Chaves. Ele trabalhava sem descanso durante vinte horas por dia. E ainda tinha tempo de ir ao teatro, ainda sabia admirar as belas manifestações de arte!

Tão distante dele, mal podemos compreender quanto foi intensa e perdurable a sua situação em nossa imprensa.

Oliveira Blaiz, que o estimou profundamente, que foi um dos seus companheiros de assíduo trabalho, definiu-o como um santo. Depoimento idêntico — o de uma inegável bondade, o de um amparo perfeito a todos, o de uma imponente bondade gentilica — é o que nos dão todos aqueles que o conhecem, todos os que tiveram o prazer de conviver com ele.

Pensas das mais brilhantes nesse jornal de raro brilho, Henrique Chaves é bem merecedor de numerosas admirações. Haveria tal interesse em recolher aírin: dos trabalhos menos efêmeros, ele deixou perdidos na *Gazeta*, no *Jornal do Comércio*, talvez em outros lugares. Quanto à *Gazeta*, é

interessante volver à sua coluna e ir encontrar, ao lado de Ferreira de Araujo, de Machado de Assis e de outros, Henrique Chaves — o qual em uma seção (*Canhembu*) se esconde com o pseudônimo de Canhembu, e em outra seção (*Balas de Estalo*) com o diário de Zig-Zag.

Bem sei que isso nunca será feito. Henrique Chaves foi unicamente jornalista, quis ser unicamente jornalista — quer dizer, foi o seu costume de ser aquilo que é, ou sua própria essência, efemerio. Paga, como tantos outros espíritos ilustres, esse imposto que é o grande castigo da profissão — o de passar sem deixar vestígios, a não ser, é claro, uma pálida evocação nas ocasiões de comemorações oficiais, como a que vemos passar agora.

Mas esse caráter de efemerio, esse caráter de irremediável desaparecimento, será mesmo o castigo do jornalismo? Não sei, ao contrário, a sua mais bela retribuição, o seu coroamento, a sua glória?

Biografia de Henrique Chaves

Transcorreu na quinta-feira, 13 de janeiro último, o centenário do nascimento de Henrique Chaves, vulto dos mais eminentes do nosso jornalismo, um dos fundadores da *Gazeta de Notícias*.

Henrique Chaves — Henrique Samuel de Nogueira Rodrigues Chaves, como era o seu nome — nasceu em Lisboa a 13 de janeiro de 1849, e velejou a uma família de jornalistas. Aos 18 anos de idade já era autor de peças de teatro e tinha traduzido, entre outros, *Donizite* e *O Filho de Coralia*.

Vindo em 1871 para o Brasil, fundou no mesmo ano, com Rafael Bordalo Pinheiro, o *"Mosquito"*, logo depois *"O Besouro"*, jornais cujas coleções se tornaram preciosidades.

Não tardou a entrar para o serviço taquígráfico da Câmara dos Deputados, faleceu a 24 de maio de 1910.

UMA CARTA DO SR. RAUL CHAVES

A propósito do artigo acima — que foi publicado no *Jornal do Brasil*, edição de 18 de janeiro último — recebeu o diretor de *Autores e Livros* uma carta do sr. Raul Chaves, a qual, com a devida venua, aqui publicamos.

Rio de Janeiro, 12-1-1949.

Meu Sr. Mário Leão.

Sentindo não ter o prazer de conhecê-lo pessoalmente, tomo entretanto a liberdade de lhe dirigir a presente para agradecer as referências feitas a meu pai e a Ferreira de Araujo em seu interessante artigo do *Jornal do Brasil* de hoje.

A *Gazeta* foi de fato idealizada por meu pai e fundada por ele, Elísio Mendes e Manuel Carneiro, três portugueses que entre tanto, sem a intervenção de Ferreira de Araujo, que se juntou ao grupo logo a seguir, não poderiam ter feito daquela jornal o que ele realmente foi para o nosso jornalismo.

Ferreira de Araujo já era amigo de meu pai antes de existir a *Gazeta*, tendo concorrido com o seu talento e a sua graça para o sucesso do *Besouro*.

Como V. S. lembrou em seu artigo, é realmente lastimável que a geração atual não tenha a ventura de ler o que escreveu Ferreira de Araujo.

Existem, porém, exparsos por aí, provavelmente em mão de colecionadores, exemplares de um livro editado em fins do século passado pela própria *Gazeta*, com a seleção das "Balas de Estalo" assinadas por F. de R., digo, por Lulu Senior, pseudônimo com que ele assinava aquelas crônicas — e se "não" sem dúvida um riquíssimo presente para as nossas letras, se os seus descendentes consentissem em uma nova edição daquelas obras primas, verdadeiras joias da nossa literatura, rivalizando vantajosamente com

a graça, o espírito e a "verve" de tudo quanto se tem escrito em qualquer língua.

Meu pai, além de um "bom", foi profissionalmente apenas um jornalista, consciente das suas responsabilidades; Ferreira de Araujo, além de jornalista brilhante, foi um de nossos maiores escritores, merecendo portanto ser divulgado para que os de hoje e os que amanhã vierem, saibam o que ele foi.

Sem a solidariedade fraternal e incondicional de F. de Araujo, sem a sua independência indomável, sem o seu caráter incorruptível, o seu brilhante talento e o seu patriotismo, meu pai não poderia de forma alguma ter prestado ao jornalismo os incontestáveis serviços que realmente prestou. Teria sido apenas — "um bom".

Assim, em nome de minha família, em meu próprio nome, agradecendo as homenagens prestadas à memória de meu

pai, quero principalmente agradecer a V. S. a justiça que fez em seu artigo à memória da figura inconfundível do nosso inconfundível amigo Ferreira de Araujo.

E não quero terminar estas linhas de gratidão sem pedir-lhe que, com a autoridade do seu nome e o prestígio do *Jornal do Brasil*, faça aquilo que a minha indúndiada não me permite fazer: uma campanha entre as classes intelectuais para que Ferreira de Araujo não continue esquecido no misticismo da sua erma nos bosques do Fasolo Púlico, ignorado pelas gerações futuras.

Tenha esta iniciativa e creio que prestará um inestimável serviço às letras nacionais.

Revele-me a extensão destas linhas, e creia também na profunda gratidão deste sincero admirador

(au) Raul Chaves.

Prática 1.º - DOS ESPINHOS - Eusebio de Matos

(Continuação da pág. 26)

meus de noita falunhos, como offendido nessa parte: *arguitum de peccato*; ha de acusarlos, perante o Tribunal divino, de lhe haverem refutado, & malogrado tanto auxilio. Ora dai cota a Deus de tantes auxilios, quantos mal lournates: a aduertencia que vos fere o Príncipe, o conselho que vos deu o amigo, a admoestação que vos fez o Conselho, parceriuinha que fôe secaos, & fôe auxilios de Deus: etiam determinado a fazer hum offensa contra Deus, fentis humas dicitamus da razão, que batalhão contra vós mesmo; citias na occasião do peccado, fentis em vossa alma humas certas reclamações da conciencia, que he o que fago; como viuo, em que me occupo? valhame Deus que hei de morrer, que hei dar conta a Deus; puis que determinou: tudo isto pafia em hum pescador; & que vos parece que he tudo isto, fôe golpes daquelles espinhos, fôe iluminacões daquelles rayos, fôe auxilios de Deus, fôe inspirações do Espírito Santo: Ora dai conta a Deus de ter refutado a tantos golpes, a tantas iluminacões, a tantos auxilios, a tantas inspirações: Deus não vos falhou com os auxilios necessarios à vossa falunha; vos não admittistes fens auxilios; qual ha de fer a consequencia.

Pois a vossa culpa vos aduistó,

tendes muito que esperar, também tendes muito que temer, porque se agora estais armados em noita defensa, tabem desde agora estais armados contra os diuitos fauores, de tal maneira aquelles diuitos auxilios, de tal modo fai fauores, que ja traen de militura os caftigos. Pedis Job a fens amigos que fe intimfam deles: *Miseremini mei, miseremini mei, faltem vos amici mei*; mas que caifa timba Job para que fe latimfam delle fens amicos? quis manus Domini intetigat me: porque tenta em si toques de Deus, & toques de Deus não fai fauores, de tal maneira fauores, que ja traen de militura os caftigos: fe etiãos ameaçando caftigos: fe etiãos obdecetem não ha maior ventura, mas fe lhe refitifte nem ha maior desgraça. Quantas espinhos brotarão de debaixo da metáfora defens espinhos, isto mesmo nos etiãos dizendo as inspirações de Deus: *Si vere me Regem confituetis*: fe reconhecerem os espinhos em fics imperios, fe obdecetem à Coroa de espinhos: *Venite, & sed umbra mea regnificet*: Elles vos fevirão de amparo, porém fe lhe refitifte, de lhe não derdes asfento: *Si autem non vultis, egrediatur ignis de ramo, & deuoret Cedros Libani*. Isto que differem as arvores os espinhos, quando cingirão Coroa, nos etiãos disensem aquella Coroa de espinhos, & debaixo da metáfora defens espinhos, isto mesmo nos etiãos dizendo as inspirações de Deus: *Si vere me Regem confituetis*: fe reconhecerem os espinhos em fics imperios, fe obdecetem à Coroa de espinhos: *Venite, & sed umbra mea regnificet*: Elles vos fevirão de amparo, porém fe lhe refitifte, de lhe não derdes asfento: *Si autem non vultis, deus mefim espinhos brotarão fogo, que abrave, & confundira os maes Cedros do monte Libano: Egrediatur ignis de ramo, & deuoret Cedros Libani*.

Peço que Catholico auxilio, para efucuzarmos este caftigo, que aquelles espinhos nos etiam ameaçando, obdecemos contra as roas; mas vede fics vedo aquella mar de fangue que fe derramou por noitas culpas: ali vam a defenbocar fe tenta, & dous rios de fangue que defencem daquella cabeça! Oh se noitas culpas padecerão o vitime naufrago na inundação dasquelles rios; ali meu Deus, & quem duvidá que ha de fahr tam enfanguado depois de tratar o espinhos porém neffo mar de fangue que defencem daquella coroa? Oh se noitas culpas padecerão o vitime naufrago na inundação dasquelles rios; ali meu Deus, & quem duvidá que ha de fahr tam enfanguado depois de tratar o espinhos porém neffo mar de fangue que defencem daquella coroa? Oh que bem se manifesta o fine de voto amar, na agudeza deffes espinhos, oh que amordascamente nos detêm estes espinhos para que colha-

mos effas rosas! Oh cabeça farofancta, algum hora coraçade de Estrelas, & agora latimada de espinhos, que vio já mais os espinhos armados contra as roas; mas vede fics vedo aquella mar de fangue que fe derramou por noitas culpas: ali vam a defenbocar fe tenta, & dous rios de fangue que defencem daquella cabeça! Oh se noitas culpas padecerão o vitime naufrago na inundação dasquelles rios; ali meu Deus, & quem duvidá que ha de fahr tam enfanguado depois de tratar o espinhos porém neffo mar de fangue que defencem daquella coroa? Oh que bem se manifesta o fine de voto amar, na agudeza deffes espinhos, oh que amordascamente nos detêm estes espinhos para que colha-

A VIDA DOS LIVROS

Alves, Castro — *Espumas Flutuantes* — Prefácio de Agripino Griece — Instituto Nacional do Livro — Biblioteca Popular Brasileira, XXII — Rio, 1947, 225 págs.

Creemos que é de todo impossível restabelecer a bibliografia exata das *Espumas Flutuantes* de Castro Alves. Em sua edição das *Poesias Completas* de Castro Alves (1821) Afrânio Peixoto logrou identificar 23 edições diferentes. Erguendo a bibliografia de Castro Alves em *AUTORES E LIVROS* (vol. 3.º, n.º 8 — Março de 1942), conseguimos identificar 28 edições autônomas; nem falar de uma edição de *Espumas Flutuantes* com *Hino do Equador* (1938); e sem falar também das edições dadas nas *Obras Completas* do poeta. O assunto é, entretanto, dos mais sugestivos entre quantos existem em nossa bibliografia, e estava longe de prever seu tempo o pesquisador que quisesse prestar essa homenagem de admiração e de carinho ao nosso grande poeta romântico.

No prefácio que escreveu para a edição do Instituto do Livro, Agripino Griece se declara ebrio de Castro Alves. E cita vários fatos que demonstram a extrema popularidade do autor de *O Hóspede*. Pelo nosso lado, poderíamos aduzir outros depoimentos em favor da tese de ser Castro Alves o mais popular dos poetas brasileiros. Por exemplo: algumas de suas poesias musicadas foram transformadas em modinhas, e são cantadas em terras pernambucanas como se pertencessem ao folclore. Lembramo-nos de ter ouvido, em serões familiares do Recife ou de engenhos do Interior de Pernambuco, deliciosas vozes de moças que entoavam, acompanhadas pelo violino, os estrofes de *Síria* (que é um trecho de *Uma página da Escola Realista*), *O Lago de Fita*, *Boa-Noite*, *Quanto no Gondoleiro do Amor*, ouvindo-lo muita vez cantado como um doce balado, para adormecer crianças...

Expressão é, nesse sentido, o deputado dado por Tobias Barreto, o rival de Castro Alves. Contava ele que em um noturno religioso (provavelmente em Pernambuco), ouvira cantar os versos da *Hebreia* de Castro Alves ("que se sabe foram escritos para uma bela descendente de Israel, mas não de certo a Mãe de Deus"), como se fosse um hino religioso. Cantava o Mestre da Capela: *Pomba de esperança sobre um mar de encolhos*.

E o coro respondia:

- *Ora pro nobis!*
- *Dizia o Mestre:*
- *Lírio do vale oriental brilhante.*

E o coro respondia:

- *Ora pro nobis!*
- *De novo cantava o Mestre:*
- *Estrela vesper do pastor errante...*

De novo o coro bradava:

- *Ora pro nobis!*
- *Ainda uma vez estrugia a voz do Mestre:*
- *Ramo de mirta a rescen-der cheiroso...*

E o coro sempre:

- *Ora pro nobis!*

Tobias relatava esse fato, e censurava acerbamente a falta de imaginação poética e religiosa do povo brasileiro, que nunca soube compor hinos sacros. Igual censura, mais grave ainda, é a que nos fez, certo dia, em um dos seus elogios:

simos discursos do Senado, o velho Barbosa Lima: o de sermos um povo que não possui uma canção! Parece que realmente, no sentido em que falam, tinham razão. Tobias Barreto e Barbosa Lima: possuímos no Brasil algumas belas canções carnavalescas (*Teu cobelão negro, Pe de Anjo, etc.*) mas canções religiosas, canção patriótica — espelhos de nossos sentimentos de amor a Deus e à Pátria — não!

A edição do Instituto do Livro traz algumas notas, com as quais, infelizmente, nem sempre estamos de acordo. Mostremos um exemplo: na página 84, ocorre esta estrofe:

Bebe, enquantoinda é tempo:
Iuma outra raça,
Quando tu e os teus fortes nos
fossos.
Pode do abraço te livrar a terra,
E ebria folgando profanar teus
fossos.

A propósito da palavra *fossos*, do segundo verso da estrofe, diz o anotador: "Assim traz a 1.ª edição, a despeito do evidente erro de concordância." Ai divergimos do anotador. O que Castro Alves quer dizer, transportando para poesia, é o seguinte: "Quando tu e os teus estiverdes (fórtes) enterrados nos fossos, uma outra raça pode arrancar-te da terra, e, ebria, folgando profanar teus fossos." Há algum erro aí?

Também podem estar erradas certas prosódias de Castro Alves — Bolo, Niágara, etc.; mas é em vão que o anotador as condena. Já o uso, — pelo menos no Brasil — as consagraram e são hoje é que são corretas. Estão no caso de pântano, de nível, de miope, que certos defensores da língua determinam sejam pronunciadas como *pântano*, como *nível*, como *miope*, sem que ninguém lhes ouça as reclamações...

*

Soares, José Carlos de Macedo — *O Espírito do Itamarati*. Discurso pronunciado na sessão solene em homenagem ao Embaixador João Neves da Fontoura na sede do P.E.N. Clube do Brasil, Ministério das Relações Exteriores. Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1948, 12 páginas.

— Santo Antônio, autor de *Imitação de Cristo*. Oração pronunciada pelo sr. ... como parântimo das diplomadas da Escola Normal e do Curso de Secretariado, do Externato São José, de São Paulo, nos 11 de dezembro de 1947. Tip. Maria Auxiliadora, São Paulo, 1948, s.n. págs.

— Santo Antônio, autor de *Imitação de Cristo*. Oração pronunciada pelo sr. ... como parântimo das diplomadas da Escola Normal e do Curso de Secretariado, do Externato São José, de São Paulo, nos 11 de dezembro de 1947. Tip. Maria Auxiliadora, São Paulo, 1948, s.n. págs.

São dois trabalhos de índole inteiramente diferente. O primeiro é o discurso pronunciado no P.E.N. Clube do Brasil, em uma solene sessão, realizada em homenagem ao nosso preso companheiro João Neves da Fontoura; o segundo é a oração de parântimo, pronunciada na Sessão em que colaram grau as diplomandas da Escola Normal e do Curso de Secretariado do Externato São José de São Paulo. No *Espírito do Itamarati*, relata Mamedo Soares um episódio muito interessante de sua atuação em Buenos Aires, por ocasião dos preparativos para a paz no conflito Bolívia-Paraguai.

Na madrugada de 12 de ju-

nho de 1935, reunidos na Casa Rosada com os mediadores do grupo das nações vizinhas dos seus países, deliberaram os Ministros das Relações Exteriores dos dois países em guerra consentir na cessação das hostilidades. Ficou então estabelecido que os diplomatas regressassem aos seus países, e convocada outra reunião para as 11 horas. Assim se fez.

Ao chegar ao palácio da Senhora de Olmos, onde estava hospedado, o sr. Mamedo Soares reuniu os seus auxiliares, todos funcionários do Itamarati, e lhes comunicou o que acaba de ocorrer. Foi então que o sr. Ayr Paes, atualmente embaixador no Canadá, lembrou que sem as instruções especiais, que o caso exigia, os militares nada poderiam fazer. Aceita a sua observação, ficou Ayr Paes encarregado de redigir tais instruções. Trabalhou dia das 4 horas às 8 da manhã. E às 10 horas eram entregues ao ministro das Relações Exteriores as cópias necessárias ao imponentíssimo assunto.

Uma hora depois, reunidos de novo os diplomatas, o general argentino, que ia ter o encargo das negociações da paz, reclamava as instruções diplomáticas-militares, pelas quais devia nortear sua ação. O Ministro Saavedra Lamas respondeu-lhe que não dispunha senão das cópias do Protocolo; o que (dis Mamedo Soares) determinou a resposta incisiva do chefe militar argentino, de que, nessas condições, ele e os demais representantes dos exércitos dos países mediadores não poderiam partir." Foi então que o Brasil fez entrega do trabalho que acabara de redigir um dos componentes de sua delegação. E foi esse o documento, em tão boa hora preparado pelo Brasil, que salvou uma situação difícil, e permitiu que as negociações da paz não tivessem algumas horas (sabendo Deus se não seriam dias) de interrupção. Narrando o fato, relata Mamedo Soares: "O Embaixador Martínez Thedy, representante do Uruguai, tomado de entusiasmo, gritou da extremidade da mesa de trabalho: 'Como conseguiu o delegado do Brasil, em tão poucas e tão adiantadas horas, redigir as instruções que nos permitiram um ato de benemerência: salvar vidas e ameaçadas já em plena paz?'" E assim que o Itamarati trabalha" — respondeu o delegado do Brasil, sob calorosas palmas dos delegados dos países mediadores.

• • •

O outro trabalho refere-se a um problema que há de ser eterno, em todos os espíritos estudiosos ou religiosos: o da autoria da *Imitação de Cristo*.

Esse incomparável livro — que tem tido tantos títulos, cheio de poesia e de encanto, cada um deles, como *Livro da Eterna Consolação*, *Livro da Vida*, *Consolações Interiores* — é, como a *Rúada*, como a *Odisséia*, como certos livros da Bíblia, um livro sem autor. Três hipóteses de autoria lhe têm sido propostas com maior insistência: a de Tomás de Kempis (que parece ser a que reúne maior número de adeptos), a de Giovanni Gerson, e de Jean de Gerson; estes, além de mais de cinquenta outros...

Quanto à autoria de Gerson, parece, por vários motivos, fora de cogitação. Sem falar na diferença essencial que se observa entre todos os trabalhos por ele publicados, que são trabalhos inspirados pelo gosto da ação e não da contemplação, há contra ele esta circunstância: o seu próprio irmão lhe ergueu a lista bibliográfica, e nela não figura nenhum título que corresponda a esse livro. A hipótese de Giovanni Gerson,

que foi abate do Mosteiro de Santo Estêvão, em Verseli, no Piemonte Italiano, tem maiores vias de ser a verdadeira, e encontrar possibilidade na defesa até mesmo na natureza do *espírito* e da poesia da *Imitação*. O autor seria, assim, um compatriota, e talvez um contemporâneo, de S. Francisco de Assis, o que seria natural e lógico, pois nenhuma das espíritos existiam tão aproximados, como o do autor do grande livro e o do Poverello de Assis.

A hipótese de autoria de Tomás de Kempis é a que tem prevalecido no Brasil. Estão nessa corrente os tradutores do livro, como Frei Tomás Borgmeier, o Padre Cabral, o Padre Leônidas França. Tomás de Kempis nasceu na aldeia de Kempis, na Alemanha, perto de 1380, e foi monge dos Agostinhos do Monte da Santa Iria, na Holanda. Era ali sub-prior. Levara uma vida tão austera que Deus lhe concedeu fazer milagres. Morreu a 25 de agosto de 1417, e mereceu da Igreja o título de Benemorturado. Era um espírito singularmente modesto, doce e recolhido. Foi ele quem encontrou para os séculos a fórmula que tanto sorri a todos os contemplativos de todos os países: *in angelio cum libro* (um pequeno canto, com um pequeno livro...). Sabe-se que Kempis compôs uma série de opúsculos ascéticos, a frente dos quais colocou como tratados distintos os quatro livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a autor do mais belo e alto dos livros daquela obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse é seu grande título: a

A VIDA DOS LIVROS

extraordinário romance, e nele vê antes o erro de Flaubert, o paradoxo do realismo, o quadro de vidas que faltaram num livro que também falhou...

Mas isso será opinião de críticos. A verdade para os leitores de Flaubert é que a *Educação Sentimental* tem um lugar seu, um lugar inconfundível, um lugar provavelmente mais alto do que o de *Madame Bovary*. Talvez seja uma questão que corresponda a fases da vida dos leitores. Quando mais moços, embragados pela musicalidade do estilo do primeiro Flaubert, preferimos a arte reavivada que ele realizou em *Madame Bovary*, ou mesmo em *Solitário*. Mais tarde, já preocupados com estilos mais doces e mais íntimos, querendo antes a melodia que a harmonia, vamos lendo com mais agrado a *Educação Sentimental* ou os *Três Contos*.

Nesse livro, o grande analista de almas e de sociedades se revela, ainda mais do que em *Madame Bovary*. Deu-lhe ele, além de sua capacidade natural de observador, a contribuição de suas experiências pessoais. Frederico Moreau é Flaubert, com as suas inquietações e suas vacilações, com o seu amor. O grupo em que Frederico vive é o grupo em que Flaubert viveu, e Maxime du Camp, um dos amigos mais chegados ao romancista, diria que todos os personagens da *Educação* tinham existido.

E com que finura, e com que exatidão de anatoma, desenha ele os seres complexos e amargos que compõem essa geração de fracassados! E como é aqui irmão da arte de Balzac a sua arte exímia e útil, e como dela se afastam os moduladores de uma observação de laboratório, à la Zola, ou os cultivadores de um romancezinho bem comportado, em que o leitor dá a mão e sorri ao autor, como é o caso de um Feuillet, ou mesmo de uma George Sand!

O velho Flaubert é de fato doloroso e trágico. Mas com que linhas sábias, exatas e elevadas sabe ele exprimir sua dor e sua tragédia! E quando se trata de traçar um desenho de mulher — como no caso de Mme. Arnoux — quem será mais poeta do que ele?

Aparecendo às vésperas de um ano catastrófico da vida da França, a *Educação Sentimental* mostrava os erros profundos e sem remédio que lavravam naquela época no espírito do grande povo francês. As tristes palavras do romancista não foram ouvidas — nem poderiam ser, nem haveria

tempo de o serem... Logo depois veio a invasão alemã, a irremediável vergonha da derrota. Flaubert ficou sendo, assim, com esse livro, uma espécie de profeta melancólico, a Cassandra da França na sua hora mais nefasta e dolorosa.

Não é essa, porém, a da fraqueza ou sequer a da vacilação, a postura em que vemos o velho Flaubert, em seu país e diante dos séculos. A posição dele é antes a de um herói da ação, a de um campeão sem descanso na defesa de suas idéias, de sua arte, e, pois, de sua gente e de sua pátria.

LIVROS RECEBIDOS

- Oliveira, Martins (da Academia Mineira de Letras) — *Elegia simbólica para Alphonse de Guimaraens* — 1948. Gráfica Cidade de Vizcaya. Minas Gerais, 48 págs.
- Silva, J. Norberto de Souza e — *História da Conspiração Mineira* — Prefácio de Osvaldo Melo Braga — Tomo I — Ministério da Educação e Saúde — Instituto Nacional do Livro. Biblioteca Popular Brasileira, XXVI — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1948 — 286 págs.
- Vasconcelos, Diogo de — *História Antiga das Minas Gerais*. Introdução de Basílio de Magalhães (1.º volume) — Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. Biblioteca Popular Brasileira, XXIV — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1948 — XXIV-301 páginas.
- *História Antiga das Minas Gerais (1703-1720)* — 2.º volume — Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. Biblioteca Popular Brasileira, XXV — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1948 — 420 páginas.
- Vasconcelos, Diogo L. A. P. de — *História Média das Minas Gerais* — Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. Biblioteca Popular Brasileira — XXV — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1948 — 423 págs.
- Alves, Castro — *Erupções Flutuantes* — Prefácio de Agrípina Griceo — Ministério da Educação e Saúde — Instituto Nacional do Livro — Biblioteca Popular Brasileira — XXII — Rio de Janeiro, 1947 — 235 págs.
- Brito, Chermont de — *A Princesa Mulher* — (Contos) — Irmãos Fornetti Editores — Rio, 1948, 174 págs.

O IPÉ — INSTITUTO PROGRESSO EDITORIAL — realizou o programa que se propôs levar a efeito durante o ano de 1948, anuncia para o ano de 1949 um plano de atividades editoriais do mais alto valor literário, científico e cultural. Para tanto conta agora com suas novas instalações gráficas que, inauguradas no segundo semestre de 1948, contribuirão para dar uma maior perfeição formal às obras programadas para os próximos doze meses.

O IPÉ que iniciou seu ciclo em meados de 1947 já se perfilhou ao lado das maiores casas editoras nacionais e conta no correr do próximo ano elevar a um nível ainda superior sua produção sempre dentro do critério traçado pelas suas "Coleções".

A "Coleção Minerva" apresentará em sua Série Histórica: "História da Idade Média", de Gioacchino Volpe; "História dos Estados Unidos", de Charles Beard e Mary Beard; "História da revolução soviética", de W. H. Chamberlin, e mais uma obra fundamental de Benedetto Croce, "História da

Europa no século XIX". Na Série História Literária que já nos deu a história das literaturas italiana, russa e norte-americana, aparecerão: "História da Literatura Francesa" de Béder e Hazard e "História da Literatura Alemã", de Vittorio Amoréto.

A "Coleção Oceano" que apresenta o que de melhor se produz na novelística contemporânea, lançará: "A Dinastia da Morte", de Taylor Caldwell, "A Idade da razão", de Jean Paul Sartre, "Ventos de terras distantes", de Paul Wellman, "A Romana", de Alberto Moravia, "O Morro dos cinco degraus", de E. M. Forster, "Cristo em concreto", de Pietro Di Donato, "A noite e a cidade", de Gerald Kersh, "O ouro e a cruz", de Mario Ghisalberti, "Os bons companheiros", de J. B. Priestley, "Suor e sangue na Flórida", de M. K. Rawlings, "Corpos e Almas", de Maxence Van Der Meersch, "Peônia", de Pearl S. Buck, "A exilada", de Pirandello, "Adrienne Mesurat", de Julian Green, "A Mãe de Julen Green, "A Mãe", de Fannie Hurst, "A Mãe", de Gracia Deloida, "Lydia Bayley", de Kenneth Roberts,

"Formigas humanas", de Romain Gary.

A "Coleção Iguassu" que seleciona a melhor produção de nossos jovens romancistas, lançará logo em Janeiro um novo romance de José Mauro de Vasconcelos, "Longe da Terra".

A "Coleção Romântica", incluirá: "Mentiras", de Paul Bourget, "Novas Histórias de Mouchette", de Georges Bernanos, e três obras de Georges Simenon: "Os sobreviventes do Telemaco", "O homem que olhava passar os trens" e "O Senhor Camondon".

A "Coleção Pantheon Brasileiro": — galeria dos grandes vultos da nacionalidade, será inaugurada com "Ruy Barbosa", de Mário de Lima Barbosa, seguindo-se "Joaquim Nabuco", de Celso Vieira, "Gonçalves Dias", de Manoel Bandeira, "Santos Dumont", de Raul de Polillo, e "Tamarandaré", de Gustavo Barroso. A "Coleção Pantheon Universal", que reune biografias de grandes figuras da história — apresentará "Táctico", de Conceito Marches e "Richelieu", de Karl Burckhardt.

Como lançamento de dezembro (Continua na pág. 33)

Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER

Caixa Postal: 457

Única recebedora e distribuidora do açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo do país e do exterior

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito Crs 4.966.100,00
" integralizado Crs 4.877.200,00

Fundo de Reserva Crs 986.466,70

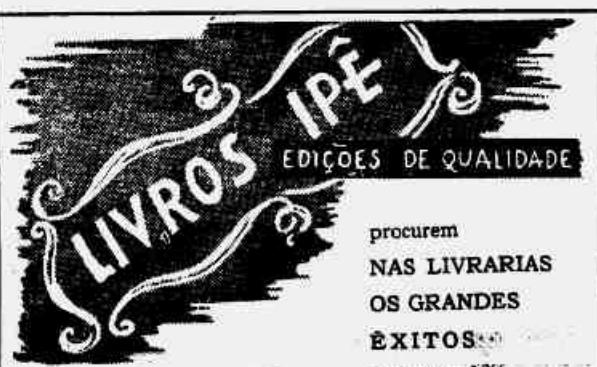
RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL
Escrítorio na Rua do Janeiro: Rua da Candelária, 9 - s/301
Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado N.º 180 s/509

O ano passado registrou a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

A nova Diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim constituída:

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luís Indio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Coetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enoch Maranhão.



procurem
NAS LIVRARIAS
OS GRANDES
ÉXITOS
DO "IPÉ"

2

ROMANCES

EMPOLGANTES

de

Lidia Bessuchet

"CONDICAO DE MULHER"

Uma arrojada sondagem no labirinto da alma feminina, num romance corajoso escrito por uma mulher corajosa. O maior êxito editorial argentino do ano passado. — Crs 30,00

"O MESTICO"

História de um mestico carregando o pesado lastro de dois sangues no drama poderoso de uma raça cruzada que luta para encontrar sua verdadeira condição. — Crs 45,00

2 — GRANDES ÉXITOS — 2

Pelo Reembolso Postal

IPÉ - Cx. Postal, 5521

São Paulo

Nome _____

Título _____

Enderço _____

Cidade _____

AMBICÕES

DESENFREADAS

no

romance sensacional

de

Taylor Caldwell

"A DINASTIA DA MORTE"

Uma grandiosa cavagada através dos tempos que nos faz lembrar como arquitetura geral e amplitude de cenários, o famoso "... e o vento levou". Impressionante história de uma gigantesca corporação industrial e seus tremendos reflexos na psicologia humana.

DINHEIRO E AMOR

num conflito palpitante de emoções.

Crs 75,00



ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XVII — LEO VAZ



Leo Vaz

Notícia sobre Leo Vaz

É o nome literário de Leônio Vaz de Barros. — Nasceu em Capivari, São Paulo, a 6 de Junho de 1890 e é filho de Joaquim Fernando Pae de Barros e de Filomena Vaz de Melo Barros.

Estudou em Piracicaba, tendo como um dos seus colegas Sud Meneghi. Começou a escrever em jornalinhos do interior e depois, a convite de Lourenço Filho e Simões Pinto, fez-se colaborador do "Comércio de São Paulo". Dali passou para o "Estado de São Paulo", fôlha de que foi secretário e onde ainda hoje trabalha. Foi professor público em cidades do interior paulista.

Pertence à Academia Paulista de Letras (cadeira n.º

14). Em 1935, a convite de organizações industriais da Alemanha, fez uma viagem àquela país, juntamente com um grupo de jornalistas cariocas, argentinos, chilenos e uruguaios. Ia como representante do "Estado de São Paulo", e fez a viagem de ida e volta no Graf Zeppelin. Visitou, nessa ocasião, além da Alemanha, a França, a Bélgica, a Áustria, a Hungria, a Tchecoslováquia e a Suíça.

Escriveu:

— O Professor Jerônimo — Romance — Ed. Revista do Brasil — S. Paulo, 1929.

Em 1940 estava na sétima edição.

— Ritinha.

(Capítulos de romance)

LEO VAZ

Ora só têm: não tenho mais o que fazer. Preso a esta vila que (vide ERRTA) é chamada Ararucá e fica (vide a quebreira depois da viagem em lombos de mulas ásperas) a sete milhares de léguas do ponto final da via férrea, nada me resta a fazer, dadas as aulas que manda dar o Regimento das Escolas Isoladas e fechadas a farmácia onde se conversa à tarde, senão esperar que o dia seguinte me traga de novo as aulas e a farmácia subseqüente.

Pode haver quem duvide da afirmação ou me acuse de madraca. Mas eu posso assegurar que esse nunca saiu das ruas asfaltadas. Ou, se sim, nunca veio até Ararucá.

Ararucá é o vilarejo criado pela Providência afim de que eu tivesse um campo onde exercesse a minha missa, quando a ela lhe desse na telha criar-me a mim mesmo. Escotava-se à rampa de um pequeno morro oblongo e molha os últimos quintais na água barrenta de um ribeirão seu homônimo, que rumoreja ao pé da vila e se detém, antes e depois de rumorejar, em sucessivas ajudas de mochilas de fubá.

Estes são as fazendas Nas acrobacias da cotação do café, Ararucá viu de um dia para outro desbravarem-se as capoeiras adjacentes, na faina do plantio fascinador. Mas o café, como as crianças, só com alguns anos de idade se torna interessante.

número dos fogos. Mas isso é raro.

Enquanto a mim, destinava-me o pardieiro, por moradia. Mas eu fui a essa honra e moro alhures.

Este pardieiro são os restos de uma grande casa onde residiram os autoctônus de Ararucá, um Fulano Garcia, que para cá vieram cumprir a prescrição de um crime de Campinas. Prescrito, eis ficaram até que lhes prescrevesse também a vida. Doaram então ao patrimônio da frugiliza nascente parte dos seus bens e entre esses a casa que haviam levantado para seu couto. Hoje a Câmara Municipal, senhora do imóvel, oferece-o de engodo aos professores que o governador destaca para aqui.

Oferece-o para residência e sala de aulas; mas eu desisti da primeira parte do presente, pois, além das almas dos Garcias, que ainda têm em frequentar a casa, mesmo depois de terem elas aberto mão dela, reina ali uma humidade que não compadece com os meus reumatismos. Eu sou um rapaz bem comportado e por isso me albergo em casa competente.

Provém este Ararucá que elas pintado, um chefe político, meia dúzia de veadeiros, um juiz de direito, que pontificava no Forum, acolhido pelo promotor público, delegado de carreira, escrivões e mais funcionários: um fiscal dos feitos municipais, um farmacêutico, duas lojas com os respectivos sírios, um sapateiro, um algibeiro, um barbeiro, um ferrador, um reverendo evadido no positivismo lusitano, uma banda de música, cujo mestre, além de se incumbir do piston, desempenha as funções de secretário da Câmara e da Irmandade de S. Benedito, um cambista das loterias, um do bicho, um coleto das rendas do Estado, mais o seu escrivão, e, como vêm nos programas de teatro, para as personagens de pequeno vulto: — soldados — caipiras — cirados — povo.

Há ainda uma família viúva, que dá pensão a rapazes bem comportados. E tal é a escassez de gente casta, que para validade milha, o único a desfrutar essa consideração especial sou eu.

Eu moro na casa da viúva Marcondes, d. Angelina Marcondes, a quem há muito lhe marrou o marido, capitão Simeão Marcondes, escrivão que foi do Registro Civil, quando Ararucá ainda não figurava no rol das Comarcas. D. Angelina tem duas filhas, que devem ser tão vetustas quanto a mãe, a julgar pelas rugas e pela assiduidade à Matriz, onde as três passam os quatro quintos do tempo, vivem dos lucros da sua indústria quintandefra, da minha pensão e da renda da chácara alugada aos promotores públicos e que lhes foi deixada pelo antigo regedor civil, afora este sobradinho. Na casa ainda existem outras criaturas de alma vivente, mas de apagada personalidade. São elas uma súcia de gatos imensuráveis e prolíficos e o sobrinho Samuel, primo das filhas, que ajuda a missa e dá aos sinos, sob as ordens do reverendo.

Al está, dentro do mundo, Ararucá, e dentro de Araru-

NOVISSIMO TESTAMENTO

REGÉNESIS

Conto de LEO VAZ

10 E disse Adão: Esta agora é com o que eu não contava! Livre! Enfim, eis uma coisa mesmo bem feita! Arre... Cuscou um pouco, e verdade, mas antes tarde do que nunca! Uff!

11 Já agora, não mais deixarás o varão o seu pai e a tua mãe para apagar-se à sua mulher... Voltam aqueles doces dias do paraíso de antes que elas me viessem deitar a perder...

12 E foi a tarde e a manhã do dia oitavo.

CAPÍTULO II

Mas Deus pôs logo água fria na fervura lírica de Adão.

2 Porquanto, chegando-lhe a hora no rosto, aspirou dos seus narizes o fôlego da vida, e Adão, banalíssima figura feita com o pô da terra, caiu de comprido no solo, desfazendo-se em cacos.

3 Então Deus tomou um grosso calhau e bateu com ele sobre os destroços de Adão, tornando-o pô, que o vento espalhou sobre a face da terra. E viu Deus que aquilo não era grande coisa.

4 E disse Deus: Não há muita proporção na obra das nossas mãos. Um mundo tão grande, tão variado e complicado, para recreio de um bicho da terra tão pequeno! Ora acabei com isto.

5 Acabemos com aquele que tem a nossa imagem e semelhança; e dominá-lo sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

6 E disse Deus: Desapareça também toda a alma vivente, qualquer que seja a sua espécie: gados, e réptis, e bichos ferros, e assim foi.

7 E destruiu Deus as bestas feras da terra de toda a espécie, e o gado de toda a espécie, e todo réptil da terra de toda espécie. E viu Deus que era bom.

8 E foi a tarde e a manhã do dia nono.

9 E olhou Deus para o fundo das águas e para a face da expansão das céus, e notou que as aves se multiplicavam sobre a terra e que as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente enchiavam as águas dos mares, conforme a sua espécie.

10 E Deus os apostrofou, di-

(Cont. na página 34)

ARARUCA'

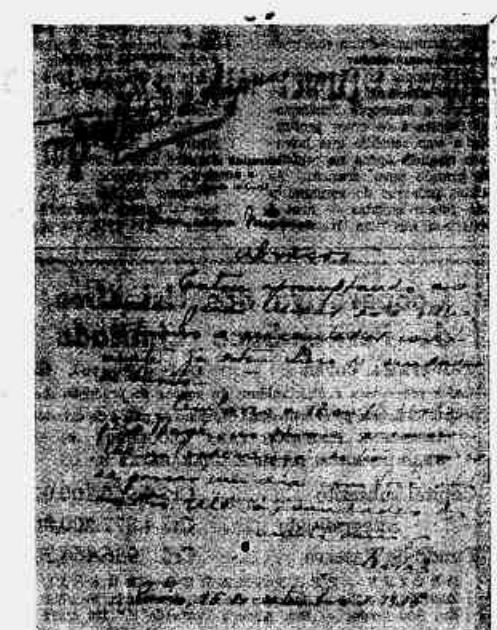
(Capítulos de romance)

LEO VAZ

sante. Ora, a meio do furor, vai o pelotiqueiro e desarruma a 29000, fazendo com que os derrubadores abandonassem as colvaras e ambicções, deixando Ararucá a pôr séco com os cereais plebeus, com os quais vai tentando a vida à espera da que outra reviravolta da economia cafelista de novo inicie os capitais esquivos.

Enquanto a reviravolta não vem, vai vegetando. A estrada de ferro, que da vizinha cidade de S. Antônio do Itabá, ao farjear os fretes próximos, abriu uma picada promissora, encolheu os trilhos ao sentir incerto o futuro. As fazendas ficaram, por isso, em grandes milhares, paliativos, com que os proprietários retêm os agregados, que amiam dos produtos e olham pelas terras. E enfim, Ararucá, o que em S. Paulo se chama um lugar de muito futuro.

Tem trezentas casas e um pardieiro. Tem também uma igreja matriz, em indefinida reconstrução, mais um cubo de alvenaria branca, com grades nas janelas, haste de bandeira sobre a porta do meio, e que a hipérbole de algum rabulão denominou — o Forum, alcunha que foi logo encampada pela população. No Forum se hospedam adventícios ladrões de cavalos e, de três em três meses, os jurados que os condenam. De vez em quando algumas barracas de ciganos à saída de Itabá, vêm, por algumas semanas, aumentar o



Autógrafo de Leo Vaz

ca o canto onde respira este Jerônimo Pereira que estas regras escreve. Digam agora se não é de relevar-se que ele cá esteja, por falta de melhor mistério, a garantir este seu livro.

Não seria aqui que havia

de escrever-se a Ilíada nem o Dom Quixote.

(Léo Vaz — "O Professor Jerônimo" — 4.ª edição — (Monteiro Lobo & Cia. — Editores — São Paulo — 1921). — Pg. 13).

Cronologia da Escravidão

— 1680 (1 de Abril) — O Príncipe-Regente, depois Rei D. Pedro II, dá uma carta de lei, abolindo a escravidão dos índios.

— 1755 (8 de Junho) — Carta de lei de D. José I (Marquês de Pombal), revalidando as leis anteriores, e particularmente a 1 de Abril de 1680, em favor da liberdade dos índios.

— 1758 — Manuel Ribeiro da Rocha publica o *Etiope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado* — primeiro livro que trata do Abolicionismo no Brasil.

— 1761 (19 de Setembro) — Alvará declarando livres os escravos introduzidos em Portugal depois de certa época.

— 1773 (16 de Janeiro) — Lei de D. José I (Marquês de Pombal) abolindo a escravidão em todo o reino de Portugal. Determinava essa lei que os que nascessem de sua data em diante seriam livres e ingênuos. Dos nascidos anteriormente só seriam escravos durante a vida os que proviessem de mães e avós escravos; todos os outros seriam livres, ainda que as bisavós o não fossem.

— 1789 — Inconfidência Mineira — E' do seu programa dar cedo da escravidão.

— 1821 — João Severiano Ma-

ciei da Costa (Marquês de Queluz) publica em Coimbra sua memória sobre a necessidade de abolir a introdução de escravos africanos no Brasil.

— 1823 — Projeto de Constituição do Império. Trata do assunto.

— 1826 (26 de Novembro) — Convênio do Brasil com a Inglaterra, mediante a qual três anos depois da troca das ratificações (que foram feitas a 13 de Março de 1827) ficaria proibido aos brasileiros o tráfico de escravos da costa da África.

— 1831 (7 de Novembro) — Lei declarando livres todos os escravos que entravam nos portos ou no território do Brasil, vindos do estrangeiro.

— 1845 (8 de Agosto) — Bill Aberdeen.

— 1850 (4 de Setembro) — Lei de Eusébio de Queiroz contra os contrabandistas.

— 1854 (5 de Junho) — Lei Nabuco de Arádua tornando mais eficaz a luta contra o tráfico.

— 1863 (17 de Maio) — A Primavera, jornal acadêmico de Recife, publica os primeiros versos abolicionistas de Castro Alves — A Canção do Africano.

— 1864 (8 de Maio) — A Ordem Beneditina Brasileira, pelo capítulo reunido na cidade da Bahia, resolveu que

ficavam livres os filhos dos escravos daquela corporação, nascidos a partir do dia 3 daquele mês.

— 1866 (6 de Novembro) — Decreto que concede liberdade gratuita aos escravos da nação que possam servir no Exército; sendo elas casados, entende-se o mesmo benefício às suas esposas.

— 1882 — Publicação de *Os Escravos*, de Castro Alves.

— 1883 — Joaquim Nabuco publica — O Abolicionismo.

— 1884 (25 de Março) — O Ceará declara livres os seus escravos.

(20 de Junho) — O Amazonas segue o exemplo do Ceará.

(7 de Setembro) — O Rio Grande do Sul segue o exemplo do Ceará e do Amazonas.

— 1884 (4 de Agosto) — Rui Barbosa apresenta, em sessão da Câmara dos Deputados, o seu Parecer nº 48-A, acerca do projeto nº 48 (Projeto Dantas, ou da Emancipação dos Hexagénarios). Sua em volume — Tipografia Nacional, Rio 1884, 203 págs.

— 1885 (5 de Janeiro) — Tentativa de empastelamento da *Gazeta da Tarde*.

— 1885 (28 de Janeiro) — Nabuco chega ao Rio e é saudado por José do Patrocínio.

— 1885 (2 de agosto) — Rui Barbosa, no Teatro Politeama, asua conferência *A situação abolicionista*. Sua em volume, Rio, 1885 — 62 páginas.

— 1885 (25 de Setembro) — Lei que declara livres os escravos de mais de 60 anos.

— 1885 (7 de Novembro) — Rui Barbosa, no Teatro Lucinida, a sua *Conferência Abolicionista* (comemoração da lei de 7 de Novembro de 1831). Sua em volume — Imp. Nacional, Rio, 1885, 54 páginas.

— 1887 (28 de Agosto) — Rui Barbosa pronuncia, no Teatro Politeama de Rio de Ja-

neiro, a sua conferência *A Abolição no Brasil*. Abolição no Brasil. Sua em volume, mandado publicar pelos alunos da Escola Militar — Rio, 1887 — 34 págs.

— 1887 (28 de setembro) — Patrocínio funda a *Cidade do Rio*.

— 1888 (10 de Março) — Sobe ao poder o Gabinete João Alfredo.

— 1888 (19 de Março) — E' publicada no *País* a opinião dada pelo Papa a Nabuco sobre a Escravidão.

— 1888 (28 de Abril) — Rui Barbosa pronuncia, no Te-

tro São João da Bahia, seu discurso *Aos Abolicionistas Baianos*.

— 1888 (7 de Maio) — Rodrigo Silva (Ministro da Agricultura) apresenta à Câmara o projeto de extinção da escravidão.

— 1888 (10 de Maio) — E' aprovado pela Câmara o projeto Rodrigo Silva.

— 1888 (13 de Maio) — O Senado aprovou em última discussão o projeto Rodrigo Silva.

— A Princesa Isabel assina o projeto Rodrigo Silva, transformando-o em lei.

O Museu de Arte Moderna

Foi, afinal, inaugurado, no Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna. Desde uma semana, viu o Rio de Janeiro subir algumas linhas o gráfico que dá o índice da civilização da nossa gente.

Não é preciso ser partidário da Arte Moderna para compreender o que significa, no âmbito da cultura uma iniciativa dessa ordem. Museus desse gênero possuem todas as grandes capitais do mundo, aquelas que, pela sua espiritualidade e pelo seu requinte, representam a mais pura flor da humanidade no século atual.

Possemos no Paris e Londres, Roma, Nova York, Buenos Aires. E' neles que os estudiosos, todos os que desejam tomar contato com a arte viva de cada país, vão procurar os elementos necessários à sua meditação, às suas apreciações, às suas críticas.

E não é só isso, pois um Museu de Arte Moderno (não menos do que acaba de ser fundado nesta capital) não se contenta apenas a recolher a obra dos artistas locais ou nacionais.

Um Museu desse tipo, com essa orientação e esse programa, fica valendo como um campo precioso de estudos acerca de toda a arte contemporânea, em qualquer país que ela se apresente. O Museu agora aberto, por exemplo, começou as suas atividades com uma exposição, na qual são apresentados gloriosos nomes da pintura contemporânea em vários países da Europa.

Esforço de um grupo de amigos negados amadores de cultura, — entre os quais é justo pôr em destaque o nome de Josias Leão, fiamos de puro entusiasmo, sem a qual o empreendimento nunca teria chegado ao seu termo — o Museu de Arte Moderna há de contar, com certeza, com o apoio de quantos amam a arte, de quantos vêm nela aquilo que ela de fato é: o esplendor da alma das nacionalidades.

O Museu de Arte Moderna acha-se instalado no 11º andar do edifício do Banco Bon Vista, à avenida Presidente Vargas.

fumem

BIOGRAFIA DE CASIMIRO DE ABREU

Demos no nosso último número a notícia de que Nilo Brusci, depois de paciente busca de documentos, começou a escrever um estudo biográfico de Casimiro de Abreu. E' um trabalho que se pode dizer que representa uma verdadeira revisão de tudo o que se tem escrito nestes noventa anos sobre o imortal poeta das Primaveras, porque Nilo Brusci coloca a pessoa do grande lirico num outro plano inteiramente diferente daqueles em que o colocaram todos os seus biógrafos.

Trata-se de um esforço de pesquisa documental como jamais foi feito em torno da figura do artista estudado. Alterna inteiramente dados, até agora tidos como certos e surpreende detalhes curiosíssimos.

Hoje podemos adiantar o título da obra de Nilo Brusci, que será: "Trabalho, Tristeza e Glória."

Outro fato interessantíssimo que também vamos levar ao conhecimento dos leitores é que Nilo Brusci, usando do seu modo peculiar de conduzir as suas produções literárias, ao invés de mencionar as fontes do seu trabalho no fim da obra, como todos os historiadores usam fazer, vai publicar nas páginas de *AUTORES E LIVROS*, na íntegra, todos os documentos inéditos que encontrou nas pacientes buscas feitas nestes dez meses de esforço silencioso e pertinaz. Deste modo, dentro em breve iniciaremos a publicação de uma série de páginas desconhecidas sobre Casimiro de Abreu, as quais ficarão sendo a prova documental da origem do trabalho literário de Nilo Brusci.

CONTINENTAL

Cia. de Cigarros

Souza Cruz

DISCURSOS ACADÉMICOS Obras da Academia Brasileira de Letras de Letras

Curiosa estatística acerca dos discursos de recepção na Academia Brasileira de Letras (até 1935):

Até 10 páginas:

— Lucio de Mendoça — saudação a Domício da Gama — 6 páginas.

— João Ribeiro fazendo o elogio de Luiz Guimarães Junior — 8 páginas.

De 10 páginas:

— Domício da Gama — elogio de Raul Pompéia.

— Carlos de Lacerda — saudação a Dantes Barreto.

— Hélio Lobo — elogio de Souza Bandeira.

De 11 páginas:

— Salvador de Mendoça — saudação a Oliveira Lima.

— Jaceguay — elogio de T. de Melo.

— Medeiros e Albuquerque — saudação a Atântaro de Paiva.

De 12 páginas:

— José Verissimo — saudação a João Ribeiro.

— Dantes Barreto — elogio de Joaquim Nabuco.

— D. Silvério — Elogio de Alcindo Guanabara.

— Carlos de Lacerda — saudação a D. Silvério.

— Alcides Maya — saudação a Gregório Fonseca.

De 13 páginas:

— Oliveira Lima — saudação a A. A. Orlando.

— Clovis Beviláqua — saudação a Pedro Lessa.

— Sousa Bandeira — saudação a Félix Pacheco.

— Gustavo Barroso — elogio de D. Silvério.

— Fernando Magalhães — elogio de Domício da Gama.

De 14 páginas:

— Sousa Bandeira — elogio de Martins Junior.

— Graça Aranha — saudação a Sousa Bandeira.

— Augusto de Lima — elogio de Urbano Duarte.

— Coelho Neto — saudação a Paulo Barreto.

— Alberto de Oliveira — saudação a Goulart de Andrade.

De 15 páginas:

— Lauro Müller — saudação a Hélio Lobo.

— Xavier Marques — elogio de Inácio de Sousa.

— Goulart de Andrade — saudação a Xavier Marques.

— Hélio Lobo — saudação a Alberto de Faria.

De 16 páginas:

— Paulo Barreto — saudação a Luiz Guimarães.

— Antônio Austregésilo — elogio de Heráclito Graça.

— Leudelino Freire — saudação a Ribeiro Couto.

— Roquette-Pinto — saudação a Miguel Osório.

De 17 páginas:

— Araripe Júnior — saudação a Alcindo Peixoto.

— Rodrigo Otávio — saudação a Alcides Maya.

— Cândido Alves — elogio a Paulo Barreto.

— Alcides Maya — saudação a Cláudio de Sousa.

— Fernando Magalhães — saudação a Raimundo Galvão.

— Roquette-Pinto — saudação a Afonso de Taunay.

— Guilherme de Almeida — elogio de Amadeu Amaral.

— Afonso de Castro — saudação a Celso Vieira.

De 18 páginas:

— Goulart de Andrade — elogio de Jaceguay.

— Afonso de Castro — saudação a Roquette-Pinto.

— Fernando Magalhães — saudação a Alceu Amoroso Lima.

De 19 páginas:

— Cláudio Bilac — saudação a Afonso Arinos.

— Pedro Lessa — elogio de Lúcio de Mendoça.

— Coelho Neto — saudação a Osório Duque Estrada.

— Leudelino Freire — saudação a Adelmar Tavares.

— Osório Duque Estrada — saudação a Luiz Carlos.

— Raimundo Galvão — elogio de Carlos de Lacerda.

— Pereira da Silva — saudação a Mário Leão.

De 20 páginas:

— Francisco de Castro — elogio de Guimarães Passos.

— Osvaldo Cruz — saudação a Raimundo Correia.

— M. de Alencar — saudação a Antônio Austregésilo.

— Luiz Guimarães — elogio de Garcia Redondo.

— Miguel Couto — elogio de Afonso Arinos.

— M. de Alencar — saudação a Constantino Alves.

— Miguel Couto — saudação a Miguel Couto.

— M. de Alencar — saudação a Alcides Mariano.

— Gregório Fonseca — elogio de Dantes Barreto.

— Adelmar Tavares — saudação a Pereira da Silva.

De 21 páginas:

— Afonso de Castro — elogio de Osvaldo Cruz.

— Medeiros e Albuquerque — saudação a Fernando Magalhães.

— Gustavo Barroso — saudação a Olegário Mariano.

— Olegário Mariano — saudação a Guilherme de Almeida.

— Afonso Peixoto — saudação a Alcântara Machado.

— Rodolfo Garcia — elogio de Rocha Pombo.

— Paulo Setubal — elogio de João Ribeiro.

— Alcântara Machado — saudação a Paulo Setubal.

— Vítor Viana — elogio de Augusto de Lima.

— Gustavo Barroso — saudação a Pedro Calmon.

De 22 páginas:

— Euclides da Cunha — elogio de Valentim Magalhães.

— Medeiros e Albuquerque — saudação a Augusto de Lima.

— Lauro Müller — elogio de Rio Branco.

— Humberto de Campos — elogio de Edmundo de Melo.

De 23 páginas:

— Afonso Arinos — elogio de Eduardo Prado.

— Luiz Carlos — elogio de Homen de Melo.

— Osório Duque Estrada — elogio de Silvio Romero.

— Celso Vieira — saudação a Vítor Viana.

De 24 páginas:

— Afonso Peixoto — saudação a Osvaldo Cruz.

— Afonso Peixoto — saudação a Afonso de Castro.

— Alfredo Pujol — elogio de Lafayete Pereira.

— Augusto de Lima — saudação a João Luiz Alves.

— Olegário Mariano — elogio de M. de Alencar.

— Alceu Amoroso Lima — elogio de Miguel Couto.

De 25 páginas:

— Artur Orlando — elogio de Franklin D. Roosevelt.

— Afonso Peixoto — elogio de Euclides da Cunha.

— Otávio Mangabeira — elogio de Alfredo Pujol.

— Afonso Celso — saudação a Otávio Mangabeira.

De 26 páginas:

— Roquette-Pinto — elogio de Osório Duque Estrada.

De 27 páginas:

— Alcides Maya — elogio de A. Azevedo.

— D. Aquino — elogio de Lauro Müller.

— Ataíde de Paiva — saudação a D. Aquino.

De 28 páginas:

— Mário de Alencar — elogio de José do Patrocínio.

— Coelho Neto — saudação a Mário de Alencar.

O INVENTOR DOS DISCURSOS ACADEMICOS

O inventor dos discursos acadêmicos foi o acadêmico francês Patru. Ele considerado não só um grande advogado em Paris, mas também um escritor de primeira ordem. Foi eleito para a Academia nos 36 anos. Ao tomar posse da sua cadeira, produziu um discurso de agradecimento que pareceu belíssimo a todos a gente. Foi isso em 1840. Desde então os discursos de recepção acadêmicos se tornaram praxe.

Paulo Barreto — elogio de Guimarães Passos.

Afonso Celso — saudação a Lauro Müller.

Pedro Lessa — saudação a Alfredo Pujol.

Luiz Murat — saudação a Humberto de Campos.

Pereira da Silva — elogio de Luiz Carlos.

Ribeiro Couto — elogio de Constantino Alves.

De 29 páginas:

Afonso Arinos — saudação a Jaceguay.

Alberto Faria — saudação a Gustavo Barroso.

Alberto Faria — elogio de Oliveira Lima.

De 30 páginas:

Felix Pacheco — elogio de Araripe Júnior.

De 31 páginas:

Ataíde de Paiva — elogio de Artur Orlando.

Amadeu Amaral — elogio de Cláudio Bilac.

Cláudio de Souza — elogio de Vicente de Carvalho.

Afonso de Taunay — saudação a Rodolfo Garcia.

De 32 páginas:

Miguel Osório de Almeida — elogio de Medeiros e Albuquerque.

De 33 páginas:

Laudelino Freire — elogio de Rui Barbosa.

De 34 páginas:

Magalhães de Almeida — saudação a Amadeu Amaral.

Alcântara Machado — elogio de Silviano Braga.

De 35 páginas:

Magalhães de Almeida — saudação a Amadeu Amaral.

Alcântara Machado — elogio de Silviano Braga.

De 36 páginas:

Alberto Faria — elogio de Homem de Melo.

De 37 páginas:

Oliveira Lima — elogio de Varnhagen.

Afonso Taunay — elogio de Luiz Murat.

Pedro Calmon — elogio de Felix Pacheco.

De 38 páginas:

Mário Leão — elogio de Humberto de Campos.

De 39 páginas:

Felix Pacheco — saudação a Constantino Alves.

Celso Vieira — elogio de Santos Dumont.

De 40 páginas:

Silvio Romero — saudação a Euclides da Cunha.

De 41 páginas:

EDIÇÃO IPÉ

O Instituto Progresso Editorial (IPÉ) apresentará este ano Toda a Poesia de Guilherme de Almeida.

Centenários de 1949

O Brasil está, a estas horas, na expectativa de ver o início de grandes comemorações, em torno dos nomes de Goethe, de Joaquim Nabuco e de Ruy Barbosa. De Goethe, passará em Agosto o primeiro centenário do falecimento; de Nabuco e de Ruy passarão, em Agosto e em Novembro, os centenários do nascimento.

Para cada um desses acontecimentos, organizar-se-ão grandes e eloquentes programas. Sabemos, por exemplo, que a Biblioteca Nacional vai promover uma importante exposição goetheana.

O Ministério das Relações Exteriores, o Instituto Histórico, a Biblioteca Nacional, a Casa Ruy Barbosa, a Academia Brasileira de Letras, os governos de Pernambuco e da Bahia, outras entidades igualmente prestigiosas, organizarão programas de expressão espiritual e cultural para celebrar o grande poeta universal do Fausto e os dois gloriosos brasileiros.

Brasil (notas de Rodolfo Garcia), 1930. Cartas do Brasil, de Manuel da Nóbrega (notas de Vale Cabral e Cartas Avulsas de Jesuítas (1550-1558), (notas de Afrâncio Peixoto), 1931. Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões, de Joséphine de Ancheta (1554-1591) (notas de A. Alcântara Machado), 1933. Jesuítas do Brasil e da Índia — do Padre José Caeiro — texto latim e português — 1 vol., 1936.

Tratado Português — Dom Francisco Manuel de Melo, 1940, introdução e notas de Afrâncio Peixoto, Pedro Calmon e Rodolfo Garcia.

A Academia Brasileira de Letras (Notas e documentos para a sua história, 1896-1940), com prefácio de Afrâncio Peixoto, 1940.

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

Castro Alves, por Afrâncio Peixoto, 1931.

Exilados da Cunha, por F. Viana Filho, 1931.

Alvares de Azevedo, por Homero Pires, 1931.

Juqueta Freire, por Homero Pires, 1932.

Luis Guimaraes Junior, por Iracema Guimaraes Vieira, 1934.

Lúcio de Mendoça, por Edgar Souza, 1934.

Francisco Alves de Oliveira, por Edmundo Moniz e Osvaldo Melo Braga, 1943.

Vicente de Carvalho, por Maria da Conceição Vicente de Carvalho, 1942.

Francisco Lins, Dispersos, 1934, por Afrâncio Peixoto.

Artur de Oliveira, Dispersos, por L. F. Vieira Souto, 1935.

Manuel de Araújo Porto-Alegre, por Hélio Lobo, 1938.

Gonçalves Dias, por José Monteiro, 1942.

Raimundo Correia, pelo Cônego F. M. Bueno de Sequeira, 1942.

Francisco Alves de Oliveira, por Edmundo Moniz e Osvaldo Melo Braga, 1943.

Vicente de Carvalho, por Maria da Conceição Vicente de Carvalho, 1942.

IV — INEDITA

Pedro Lins, Dispersos, 1934, por Afrâncio Peixoto.

Artur de Oliveira, Dispersos, por L. F. Vieira Souto, 1935.

V — DISCURSOS

Discursos Acadêmicos, 12 vol., 1897-1948.

NADA

Tudo é nada no mundo; o nada é tudo,

Porque tudo do nada foi tirado,

Porque no nada tudo é transformado,

E ao nada voltará n'um dia tudo.

Deus do nada co'um gesto tirou tudo;

O Universo do nada foi tirado,

E n'um dia, no nada transformado,

Deixará de existir; e assim vai tudo.

Só nossa alma persiste, e Deus Eterno,

Cuja essência é de si mesmo increada,

Pois é um Ser divino, Ente superno.

Na potencia do mundo agigantada,

N'esta terra, nos céus, no proprio Inferno,

Somente uma palavra eu leio: NADA.

19 de Março de 1865.

JOAQUIM NABUCO

NOTA — O soneto *Nada* foi escrito por Joaquim Nabuco na época da primeira mocidade, quase ainda na adolescência. E, entretanto, uma jóia autêntica da poesia nacional. Em um dos nossos últimos números tivemos o prazer de publicar esse trabalho do grande brasileiro. Como saliste então com um éro de muita gravidade — no Deus por nos céus, no penúltimo verso — aqui o reproduzimos hoje, em sua forma exata.

Poemas de Deolindo Tavares

Poema post-eclipse

As borboletas emigraram assustadas
porque despertos os morcegos cruzaram a escuridão
[duma brevíssima noite].
Com cacos de vidro e círios ardentes
vi alguns poetas construiram poderosos telescópios
e Murilo Mendes empunhando uma espada
decapar de um só golpe a cabeleira de Santa Maria
[Egípcia].

Surgiram então querubins
e arrebataram o corpo da complexa santa,
voltaram as borboletas
e precipitaram a cabeça da belíssima solitária no
[sereno mar].
Um espectador se converteu e executou saltos mortais,
mas foi transformado em corvo
e sumiu no morro horizonte.
Anto o céu, ante o mar e ante a sereníssima noite
eu adormecido estava,
porque a mão do amigo corvo arrebatou o único olho
que me protegia a vista;
ante o céu, ante o mar e sob o finíssimo luar
eu adormecido estava.

mas ouvi o tropel dos cavalos que se transformaram
[em deuses]
que executaram mágicas num picadeiro de estrelas
[anêmicas].
No dorso do menor centauro,
a amiga desaparecida se contorceu ao primeiro sinal
do regente da orquestra.
Bruscamente mulher e cavalo se confundiram com
[lóbis].
que dançavam uma velha valsa de Strauss.
Eu adormecido estava,
e a plateia protestou,
mas fui salvo pelo escorpião amestrado
que desempenha um grande papel neste circo.
Desperto, agora, procuro o eclipse
e não o encontrando suicido-me
para não prosseguir esta vida ridícula e sombria
que a todos conduzirá a eclipses totais.

Eu te amo

Eu te amo em cada palavra que pronuncias,
em cada olhar, em cada pranto, em cada gesto de tuas
[mãos finas e nervosas], eu te amo;
resuscitaste para meu tormento e tormento de todos
os homens:
eu te amo no som da tua voz,
que ecoa na minha solidão como um canto sagrado
em qualquer tempo abandonado:
eu te amo porque és bon, porque és impura
Sei que teu corpo é uma planície desolada
onde está enterrada uma sombra perdida
e outra sombra que mele vive serena.

que te arrebatas, te transformas e te ausenta de mim.
Existe na memória de cada minuto de minha vida
e assiste as transmutações que os séculos operaram
[em minha face].

Eu te amo e te desejo,
eu te amo, ó impura!
Eu te amarei na eternidade de outras vidas, em mil
[noites].

Tu me resuscitarás.

cavo, na terra úmida, minha
velha proprietária,
os canteiros onde nascem e
fenezem os ilares atus
e as margaridas brancas
como pequenas estrelas.

No meu tranquilo mundo ou
reino de poeta,
existe aquela imensa paz
que se sucede aos infernais rumores
e gritos de morte das grandes
e inúteis batalhas.

Libertação

Agora olho tranquilamente qualquer paisagem sem nem
[te encontrar].
qualquer rio sem pensar em teu corpo,
qualquer nuvem sem pensar em teus seios,
qualquer flor sem pensar em teus lábios.

Agora todos os caminhos são suaves porque me
[desencantei de ti].

O mundo do poeta

(Para MANUEL ANSELMO)

No meu tranquilo mundo de poeta
pouco importa que os reis caiam
e as rainhas tombem dos tabuleiros de xadrez
sob as patadas dos cavalos,
sob os risos dos bobos;
no meu tranquilo mundo de poeta,
há um céu imenso, deserto e sem limites.

Se algum dia deite cair uma
bomba entre os ilares
azuis das meus canteiros
esperarei a chuva e então,
terei um lago sereno
onde nadarão alvos cisnes;
no meu tranquilo mundo de poeta,
posso dormir e sonhar
por que há estrelas caindo
sobre o meu telhado
de telhas vermelhas como sangue.
e, enquanto isto, sei que o
resto do mundo não
dormirá nunca.

E ainda, no meu sereno mundo
ou reino de poeta,
sem glórias, sem lágrimas, sem tronos,
sem ódios, sem paixões e sem amores,
sem auroras nem e voltam
as estrelas nem e voltam
em cortejos numerosos,
e com estas mãos que escreverão
poemas até a morte

Já pensaste por acaso, quando repousas em teu leito
contemplando com os olhos vagos o teto branco que
[te cobre],
já pensaste por acaso que este teto é um limite in-
[significante]
que esconde de tua vista as mais belas constelações
[de Deus]?

Não, teus olhos não poderiam ver tanto,
nem mesmo quando curvas tua cabeça triste para a
terra;

já pensaste por acaso os caminhos que tens de percorrer
alargando em teu corpo uma alma incolor?

Não, se olhas o teto do teu quarto, vês alguma sombra
ou um inseto passear tranquilo e ausente;

se olhas a terra, pensas somente que poderás fugir
[para os vales serenos
onde teus pés não encontrarão asperezas].

Um dia disseste: eu vi o Mar!

Não alimentes esperanças
porque são indeléveis as manchas de teu espírito.
Agora neste noite calma eu contemplo o teu sono
e sei que despertarás sem sonhos.

Poema

Nasci para semear Poesia
sobre a raça dos homens nascidos tristes.
Nada desejo deste mundo afflitó e louco
senão repartir a noite e o dia
com aqueles que ainda vivem
na sombra dos primitivos mundos.
Nasci para semear Poesia
sobre a raça dos homens nascidos tristes.
As sementes já lancel à terra, no mar e ao céu,
e quando flores cobrirem a terra, o mar e o céu,
eu poderé morrer mais uma vez.
Neste momento somos homens
vivendo perfeitamente mortos, perfeitamente inúteis.

A obra completa de Adelino Fontoura

— Irei buscá-lo, disse o pâ-
gem.

— Como? se a Arábia ou a
Líbia ficam tão longe?

O pâgem desapareceu por
aquela noite e ao amanhecer do
dia seguinte trazia numa vazi-
nha etópica o remédio apete-
cido.

O fidalgo, maravilhado diante
e de outros prodígios, não se
conteve que não apertasse o
pâgem, exigindo-lhe a confissão
de seus sobrenaturais poderes.

— Quem é tu, atiná?

— Eu sou «disse pâgem en-
tre confuso e arrependido», cu-
soi um daqueles atos decretados
que acompanharam Belzebú na
antiga rebeldia contra o Se-
nhor Deus. Mas, estou arrepen-
dido e cariçoado da minha ver-
gonhosa profissão de tentador
e de demônio. Desde que fui
precipitado do céu com as le-
gões infernais procurei entra-
rás minhas maldades um res-
quício de virtude, servindo aos
homens para me consolar da
minha desgraça.

— Eu sou o abalo de sua
contrição que, segundo
Cristiano de Heisterbach, o dia-
bolo recebendo o seu salário, o
deixou para o sino que faltava
à igreja da aldeia próxima. E
desapareceu.

— Desapareceu? aqui as crôni-
cas da Wurzburga interpoladas:
por um franciscano erudi-
do sem que não. O diabo não des-
apareceu sem levar a espôsa do
fidalgo, aquela mesma que
ele curava com a mezinha in-
fernal do leite de leão.

— Só o diabo poderia aqui
passar, clamou um dos bandidos
da margem oposta.

— De outra feita, a esposa do
fidalgo adoeceu e foi achado
pelos físicos que a examinaram,
haver apenas um meio de a
salvar e seria dar-lhe o leite de
uma leoa do deserto.

— O fidalgo, fêz sim, essa desa-
pareceu chorando os dois seus
amigos infiéis, a esposa que
perfidiamente o scarificava e

Deve ser editada este ano a
obra completa de Adelino Fontoura,

prosa e verso. Como se
sabe, o poeta maranhense é o
único patrono da Academia

Brasileira de Letras, cuja obra

ainda não foi coligida em vo-
lume. Desde a ocasião de sua

morte, em 1884, numerosas tem-
tativas foram feitas para que

os poucos versos que ele deixou

os artigos de jornal que pro-
duziu, fossem reunidos e edi-
tados. Quantos nomes ilustres

estiveram interessados no as-
unto! Artur Azevedo, Coelho

Neto, Luiz Murat, Pereira da

Silva, tentos outros.

Agora, afinal, depois de um
pacientíssimo labor, o sr. Luiz

trala e aquele pâgem tão cheio
de obreiros e serviços.

Não tenho autoridade para
desmentir um franciscano que
tanto contribuiu ao esplendor
da Ordem seráfica, mas cá
em baixa, posso repetir com o
vulgo ignorar que o diabo não
é tão feio como o pintam.

Um poeta sagrado, inglês,
George Herbert, é da mesma
opinião quando escreve:

We paint the Devil black.
lyet he
Hath some poog in him...

E, depois, comentando o caso
da espôsa do fidalgo alemão,
poderia acaso dizer o francis-
cano se foi o diabo que levou
a matrona ou se foi ela que
levou o diabo?

O caso é sério, disse-me o
doutor das ciências ocultas na
ponte de Luitpold, por onde
passavam as águas e talvez,
passasse a baroneza.

(Do *Floresta de Exemplos*).

Felipe Vieira Souto — escritor
benemerito, que já largou reu-
nir as jóias dispersas de ou-
tro grande perdiário das li-
trás brasileiras, Artur de Ol-
iveira — tem reunido tudo o
que escreveu Adelino Fontoura.

Obra organizada para a Academia
Brasileira de Letras (fez
já o foram os *Dispersos de*
Artur de Oliveira), contamos
em que no decorrer do ano pre-
sente venha ela a ornar as es-
tantes das nossas livrarias.

Será então possível fazer do
talento poético e literário do
autor de *Atraição e Repulsão*
um Juiz exato, a crítica ser-
vante e justa que há mais de meio
século ela espera.

EDIÇÕES

MELHORAMENTOS

— Está entregue ao merca-
do a vigésima sexta edição
do famoso romance de Taunay
Inexa, um dos pilares ba-
sicos da nossa formação lite-
raria. E' mais um lançamento
das "Edições Melhoramentos".

*
— Poucos sabem que há no
Brasil um versão de *Os Lu-
siadas*, especialmente para a
nossa juventude escolar. E' um
lançamento das "Edições Mel-
horamentos", que se encontra
já na sétima edição.

*
— O folclore está na ordem
do dia na programação de nos-
sas editoras. Em segunda edi-
ção, a "Melhoramentos" acaba
de lançar a apreciada obra de
Lindolfo Gomes, "Contos Pe-
pulares Brasileiros".

Acerca do Diabo

JOÃO RIBEIRO

uma tarde ou antes a ver a
enchente do Veno que desatava
impetuosa caudal sob a ponte
do Luitpold, vim a praticar com
um desconhecido que soube ser
muito tarde um doutor em ciê-
ncias ocultas, o qual me informou
de casos singulares e in-
teressantes.

Veio a esse intento um case
referido nas crônicas de Wurz-
burga, que é no mesmo tempo
espantoso e edificante.

Havia certo fidalgo nienão
buscado um laço que o ser-
visse e desesperava já de en-
contrá-lo a seu agrado, quan-
do à volta do caminho que
levava à cidade próxima, se lhe
apresentou um jovem de boa
aparência, de voz doce e hu-
milde, que desejava empréstimo
de suas sombras que nele vive serena.

Foram logo contratados os
serviços e o fidalgo reconheceu
que quanto era pronto e obsequioso
o rapaz. Fez-lhe seu pâgem e ho-
mem de toda confiança.

Uma vez em que o barão se
viu acossado por dois bandidos
inimigos, o rapaz aconselhou-o a
sua amo a atravessar a torrente
do rio para fugirem ambos
à sanha dos saltadeiros.

Foram logo contratados os
serviços e o fidalgo reconheceu
que quanto era pronto e obsequioso
o rapaz. Fez-lhe seu pâgem e ho-
mem de toda confiança.

— Só o diabo poderia aqui
passar, clamou um dos bandidos
da margem oposta.

— De outra feita, a esposa do
fidalgo adoeceu e foi achado
pelos físicos que a examinaram,
haver apenas um meio de a
salvar e seria dar-lhe o leite de
uma leoa do deserto.

— O fidalgo, fêz sim, essa desa-
pareceu chorando os dois seus
amigos infiéis, a esposa que
perfidiamente o scarificava e